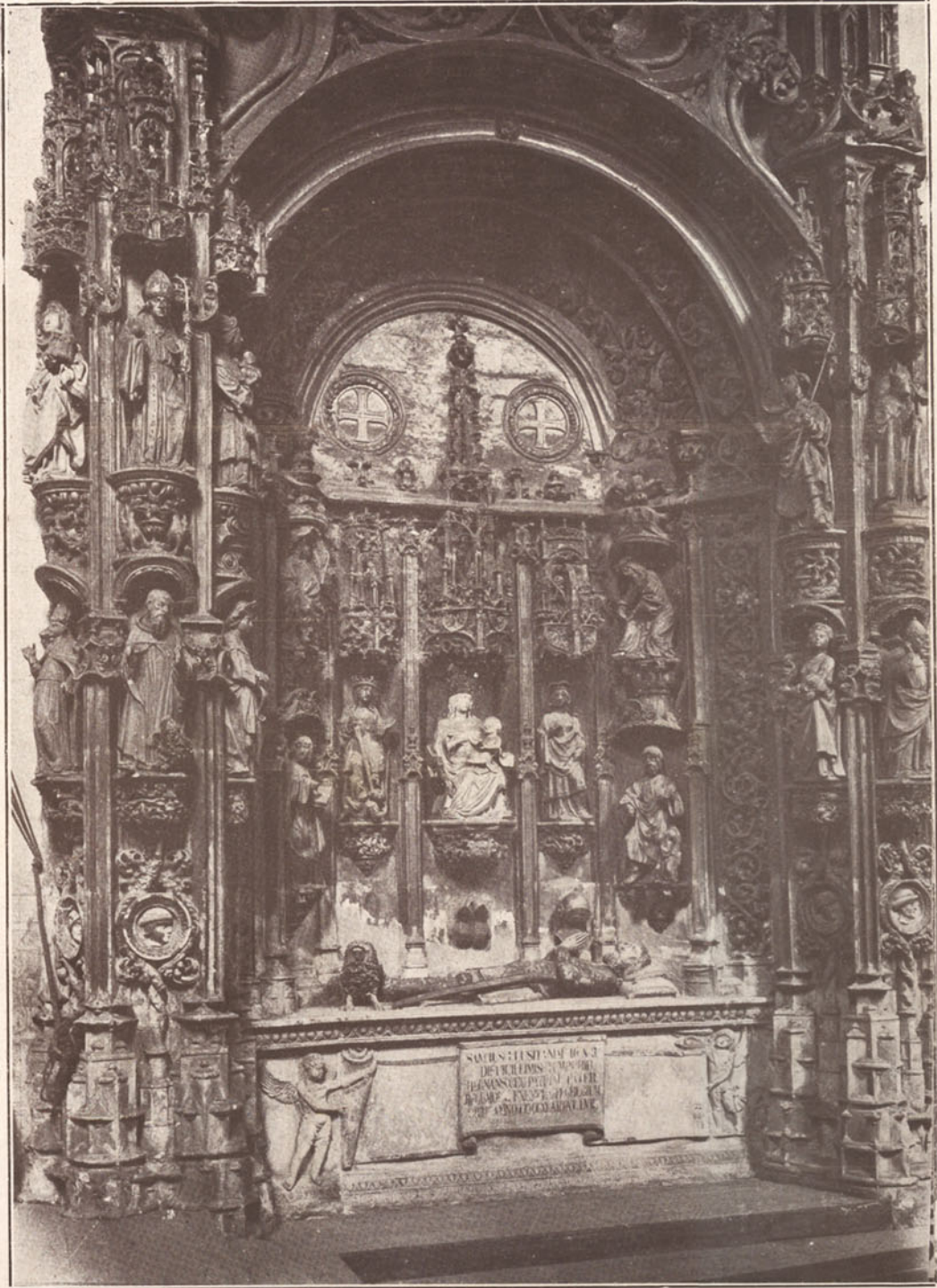


ILUSTRAÇÃO

N.º 206 — 9.º ano



Tumulo de D. Sancho I, na igreja de Santa Cruz de Coimbra

Biblioteca de Instrução Profissional

Livros escolares de consulta e instrução

OBRAS DE RECONHECIDO VALOR

ELEMENTOS GERAIS

ALGEBRA ELEMENTAR, por *Guilherme Ivens Ferraz*—1 volume de 296 páginas..... 13\$00

ARITMÉTICA PRÁTICA, por *Cunha Rosa*—1 vol. de 384 págs..... 13\$00

DESENHO LINEAR GEOMÉTRICO, por *Cunha Rosa*—1 vol. de 192 págs., com 292 gravuras..... 12\$00

ELEMENTOS DE HISTÓRIA DA ARTE, por *João Ribeiro Cristino da Silva*—1 volume de 709 págs., com 641 grav. 25\$00

ELEMENTOS DE MECÂNICA, por *Eugénio Estanislau de Barros*—1 vol. de 230 págs., com 141 grav..... 12\$00

ELEMENTOS DE METALURGIA, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 424 págs., com 121 grav. 20\$00

ELEMENTOS DE MODELAÇÃO, por *Joseph Fuller*—1 volume de 150 págs., com 69 grav. e 30 estampas..... 12\$00

ELEMENTOS DE PROJECCÕES, por *João António Piloto*—1 vol. de 405 págs., com 351 grav..... 18\$00

ELEMENTOS DE QUÍMICA, pela Direcção da Biblioteca de Instrução Profissional—1 vol. de 330 págs., com 73 gravuras..... 15\$00

ESCRITURAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL, por *Severiano Ivens Ferraz*—1 vol. de 188 págs..... 12\$00

FÍSICA ELEMENTAR, por *Mário Valdez Bandeira*—1 vol. de 304 páginas, com 241 gravuras..... 15\$00

GEOMETRIA PLANA E NO ESPAÇO, por *A. Cunha Rosa*—1 volume de 390 págs., com 273 grav..... 15\$00

O LIVRO DE PORTUGUÊS, por *António Baião*—1 vol. de 220 págs..... 12\$00

MECÂNICA

DESENHO DE MÁQUINAS, por *Tomaz Borda Pinheiro*..... 30\$00

MATERIAL AGRÍCOLA, por *H. Francem da Silveira*—1 volume de 270 páginas, com 208 gravuras..... 15\$00

NOMENCLATURA DE CALDEIRAS E MÁQUINAS DE VAPOR, por *António Joaquim de Lima e Santos*—1 volume de 280 páginas, com 423 gravuras 15\$00

PROBLEMAS DE MÁQUINAS, por *António Joaquim de Lima e Santos*—1 volume de 400 páginas, com 170 gravuras..... 18\$00

CONSTRUÇÃO CIVIL

ACABAMENTOS DAS CONSTRUÇÕES, por *João Emílio dos Santos Segurado*—

1 volume de 340 páginas, com 162 gravuras..... 17\$00

ALVENARIA E CANTARIA, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 280 páginas, com 337 gravuras..... 15\$00

CIMENTO ARMADO, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 632 págs., com 351 gravuras..... 25\$00

EDIFICAÇÕES, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 260 páginas, com 191 gravuras..... 15\$00

ENCANAMENTOS E SALUBRIDADE DAS HABITAÇÕES, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 300 páginas, com 157 gravuras..... 15\$00

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 440 páginas, com 268 gravuras..... 20\$00

TERRAPLENAGENS E ALICERCES, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 230 páginas, com 230 gravuras..... 15\$00

TRABALHOS DE CARPINTARIA CIVIL, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 400 páginas, com 448 gravuras..... 20\$00

TRABALHOS DE SERRALHARIA CIVIL, por *João Emílio dos Santos Segurado*—1 volume de 360 páginas, com 442 gravuras..... 18\$00

CONSTRUÇÃO NAVAL

CONSTRUÇÃO NAVAL, IV volume *Construção de navios de ferro*, por *Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas*—1 volume de 148 páginas, com 298 gravuras formato 16 x 22..... 12\$00

CONSTRUÇÃO NAVAL, V vol. (*Armamento e acessórios dos navios de ferro*), por *Eugénio Estanislau de Barros e A. Ferreira de Freitas*—1 volume de 130 páginas, com 138 gravuras, formato 16 x 22..... 12\$00

MANUAIS DE OFÍCIOS

CONDUTOR DE AUTOMÓVEIS, por *António Augusto Mendonça Taveira*—1 volume de 670 páginas com 715 gravuras..... 25\$00

CONDUTOR DE MÁQUINAS, (*Nova edição refundida*)—1 vol. de 396 págs., 284 figs. e 15 estampas..... 25\$00

FABRICANTE DE TECIDOS, por *José Maria de Campos Melo*—1 volume de 608 páginas, com 342 grav..... 25\$00

FERRIEIRO—1 volume de 238 páginas, com 155 gravuras e 34 estampas... 15\$00

FOGUEIRO, por *António Mendes Barata e Raúl Boaventura Real*—1 volume de 384 páginas, com 318 gravuras... 18\$00

FORMADOR E ESTUCADOR, por *Joseph Fuller*—1 volume de 196 páginas, com 66 gravuras..... 12\$00

FOTÓGRAFO, por *Antero Dâmaso das Neves*—1 volume de 204 páginas, com 31 gravuras..... 12\$00

FUNDIDOR, por *Henrique Francem da Silveira*—1 volume de 232 páginas, com 104 gravuras..... 15\$00

GALVANOPLASTIA, por *André Brochel*, tradução de *Manuel Vêres*—1 volume de 400 páginas, com 148 gravuras 18\$00

MARCENEIRO, por *José Pedro dos Reis Colares*—1 volume de 378 páginas, com 299 gravuras e 97 estampas..... 20\$00

MOTORES DE EXPLOÇÃO, por *António Mendes Barata*—1 volume de 450 páginas, com 368 gravuras..... 20\$00

NAVEGANTE, por *Guilherme Ivens Ferraz*—1 volume de 308 páginas, com 139 gravuras..... 15\$00

PILOTAGEM, por *Guilherme Ivens Ferraz*—1 volume de 360 páginas, com 119 gravuras..... 17\$00

SERRALHARIA MECÂNICA, por *João Sequeira de Castro*—1 volume de 412 páginas, com 395 gravuras..... 20\$00

TOPOGRAFIA E AGRIMENSURA, pelo capitão *Guedes Vaz e tenente Mousinho de Albuquerque*—1 volume de 362 páginas, com 238 gravuras..... 18\$00

TORNEIRO E FREZADOR MECÂNICOS, por *João Sequeira de Castro*—1 volume de 307 páginas, com 372 gravuras..... 17\$00

VOCABULÁRIO DE TERMOS TÉCNICOS, por *Raul Boaventura Real*—1 volume de 558 páginas..... 30\$00

DESCRIÇÃO DE DIVERSAS INDÚSTRIAS

INDÚSTRIA ALIMENTAR, por *Pedro Protes*—1 volume de 180 páginas, com 76 gravuras..... 14\$00

INDÚSTRIA DE FERMENTAÇÃO, por *Henrique Francem da Silveira*—1 volume de 180 páginas, com 72 gravuras..... 14\$00

INDÚSTRIA DE SABÕES E SABONETES, por *António Rio de Janeiro*—1 volume de 100 páginas, com 26 gravuras..... 10\$00

INDÚSTRIA DO VIDRO, por *José Maria de Campos Melo*—1 volume de 232 páginas, com 111 gravuras..... 15\$00

Todos estes livros são encadernados em percalina

Pedidos à Livraria BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

Grande sucesso literário:

À VENDA O 4.º MILHAR

JÚLIO DANTAS

AS INIMIGAS DO HOMEM

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS — Pan e as mulheres — As inimigas do homem — Terceiro sexo — Jus sufragil — A mulher diplomata — As ideias de Madame Agata — A mulher soldado — Delegadas a Gênebra — As calças de Eva — O eleitorado das avós — A mulher jornalista — O problema do amor — Núpcias em avião — Os pais-amas — O exemplo da China — Gentlemen prefere blondes — As revolucionárias do golf — Jurisconsultos de saías — Eva standardizada — As sinistradas da beleza — É preciso ser bela para ser feliz? — Mademoiselle Zuca — A idade dos joelhos — Nudistas — A dama do pijama verde — As : : : : : amigas do homem : : : : :

1 volume de 312 páginas, brochado... 12\$00
encadernado... 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa
PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	63\$00	126\$00
(Registada)	—	67\$50	135\$00
Brasil	—	66\$00	132\$00
(Registada)	—	75\$00	150\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	84\$00	168\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



MARIA BENIGNA

O livro de **AQUILINO RIBEIRO**

Está no 4.º milhar

Autor consagrado, de mérito inconteste, a aparição dum novo livro de **Aquilino Ribeiro** é sempre revestida da curiosidade e do interesse que as boas obras literárias despertam no público.

MARIA BENIGNA, interessante romance de amor, é a última produção deste notável escritor, dos maiores da sua geração. Figuras, paisagem, ambiente é tudo novo, tudo diferente nesta preciosa obra, visto que o seu autor, desta vez, transportou para a capital os seus personagens, fazendo de Lisboa o centro de desenvolvimento da sua acção. Através de qualidades singulares que esta obra encerra, depara-se-nos uma melancolia e um pessimismo que não conhecíamos em outras obras de **Aquilino Ribeiro**, e que transmitem à **MARIA BENIGNA** uma suavidade encantadora e uma modalidade interessante na forma do eminente escritor.

1 vol. de 286 págs., brochado . . Esc. 12\$00
Encadernado. Esc. 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



A sair brevemente, a 2.^a edição de



O mundo na mão

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

ALEXANDRE HERCULANO

SCENAS DE UM ANNO DA MINHA VIDA

E APONTAMENTOS DE VIAGEM

Coordenação e prefácio de Victorino Nemésio

1 vol. de 324 págs., broc. 12\$00
enc. 17\$00

Pelo correio à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bêbé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.^h Sára Benoliel e Dr. Edmundo
Ádler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire
e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca

Um formosíssimo vol. ilustrado. 6\$00

Depositária **Livraria Bertrand**
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

O JÓGO DA MODA

MAH-JONG

Teoria, prática e regras do jôgo

Esc. 3\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte — (2.ª edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. . 8\$00

Opinião do ilustre escritor Julio Dantas sobre o SEXO FORTE

O novo romance de Samuel Maia, d'um rigoroso naturalismo, forte no desenhado dos caracteres e na mancha da paisagem beirã dada por largos valores, es tuda a figura de um homem, especie de genio sexual, (na expressão feliz do neuriatra Tanzi) de cujo corpo parece exalar-se um fluido que attrae, perturba e endoidece todas as mulheres.

Com o SEXO FORTE Samuel Maia conquistou um elevado logar entre os escriptores contemporaneos. — JULIO DANTAS.

Braz Cadunha — 1 vol. br. 6\$00

Entre a vida e a morte — 1 vol enc. 12\$00; br... 7\$00

Luz perpetua — 1 vol. enc. 12\$00; br... 7\$00

Luz Perpetua ficará entre os romances da nossa moderna literatura como um dos mais belos e da mais perfeita unidade. — *Elcay (Diario de Noticias)*.

Não conhecemos entre nós romance que mais vida e interesse reuna num simples capitulo. — *Diario de Lisboa*.

Luz Perpetua é a victoria do espirito sobre a natureza e sobre os instintos. — *Hemet. Arantes*.

Lingua de Prata — 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00

Meu (O) menino — 1 vol. enc. 17\$00; br. 12\$00

Mudança d'Ares — 1 vol. br. 10\$00

Mudança d'Ares é uma rajada de ar puro. É um clarão de verdade. É uma afirmação latejante de vida. — *Julio Dantas*.

Mudança d'Ares, livro para todos, podemos dá-lo ás nossas esposas e ás nossas filhas, sem nos sujeitarmos a comprometedoras perguntas. — *Augusto Lacerda*.

Mudança d'Ares é um dos raros livros de valor da geração presente, cuja leitura se impõe como uma obrigação, aliás muito agradável de cumprir pelo prazer espiritual em troca. — *Campos Lima*.

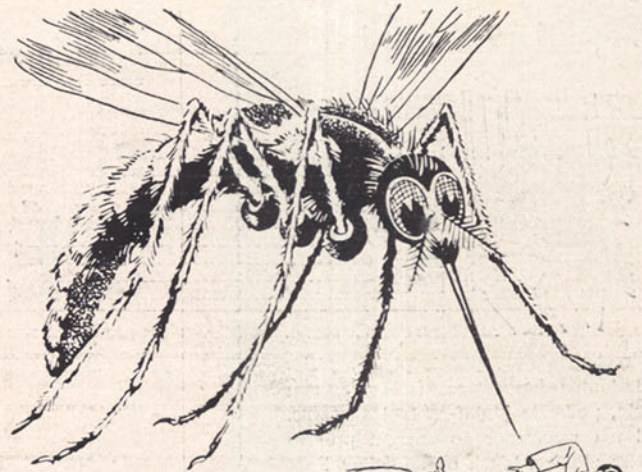
Mudança d'Ares é um livro são, solido, bem escrito, onde ha observação, ironia, critica de excelentes desejos de evangelizar a vida grande, honesta e sem convenções patetas. — *Albino Forjaz de Sampaio*.

Por terras estranhas — 1 vol. br. 4\$00

Manual de Medicina Doméstica, indispensável em todas as casas (2.ª edição), 1 vol. de 958 páginas, profusamente ilustrado, encadernado em percalina. 35\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA



Noites de ...

desnecessarias

TORTURAS

Mate os mosquitos com **FLIT**

O suplicante zumbido do mosquito anuncia uma noite de torturas. Mas para que sofrer sem necessidade? O FLIT dará conta deste flagelo. Não espere eguaes resultados de quaesquer imitações. Certifique-se de que compra realmente o FLIT, recusando todos os productos similares. O FLIT pulverisado não mancha. Exija a lata amarela com o soldado e a faixa preta.



Exija **FLIT**

Recuse todas as substituições

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

DOCES E COSINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encad. com 351 págs. 25\$00

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
criar e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,
encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Quando eles regressam a casa
cançados e com apetite...



Uma refeição deliciosa e nutritiva pronta a servir-lhes num momento. KELLOGG'S Corn Flakes frescos e torrinhos. Não é necessário cozinhar, é só servir

directamente do pacote para o prato. Bastante saborosos com leite quente ou frio, podendo juntar-se frutas frescas. É um renovador de energia próprio para almoço, lunch ou ao deitar. Para si estes flocos de milho também constituem um azepepe, leve e fácil de digerir. E um pacote dá para dez pratos.

**Kellogg's
CORN FLAKES**



A venda nos bons estabelecimentos — em pacotes verde e vermelho.

DISTRIBUIDORES:

FIGUEIRA & ALMEIDA
Rua da Madalena, 88
LISBOA

745

Grande sucesso literário, à venda o 3.º milhar

É A GUERRA

Diário da grande conflagração europeia

1 vol. de 304 págs., brochado . . 12\$00
encadernado 17\$00



PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL



Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulverisa-
ções, etc. — — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —

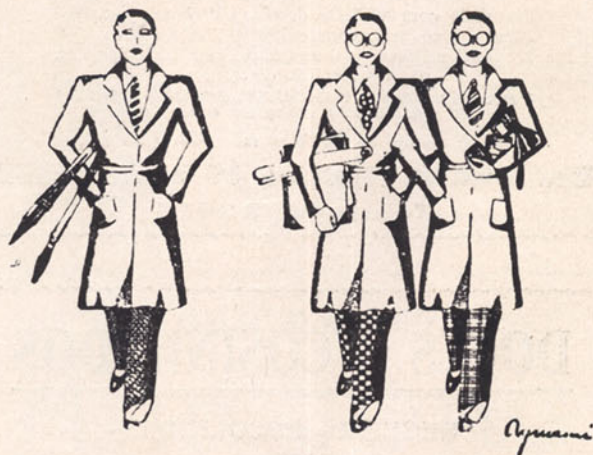
MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
21308

BERTRAND
IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

FACTO importante da quinzena última, como outro não há, nem haverá tão cedo, ou mesmo nunca mais, foi o ocorrido na Alemanha hitleriana, de um massacre a frio, metodizado, cumprido por ordem do governo. Não lhe faltou regularidade de forma, quasi se deu tom de elegância à crueldade, tal o envio da pistola, para efeito de suicídio, numa bandeja de prata, estôjo de cristal, ou talvez embrulhada em seda.

Um certo Nero da Roma antiga também usava maneiras semelhantes quando resolvia eliminar os da sua intimidade. O vêsso custou-lhe ficar na história com uma montanha de nomes feios em cima. Anda de castigo há quasi vinte séculos e ninguém sabe quando se achará outro que o substitua como simbolo de perversão no género humano.

Também os russos de Lenine praticaram algumas de pôlpa, em que ainda se fala, quando se pretende mostrar o tempero da bondade contida no coração do rústico, do operário manual pouco instruído, ou do intelectual sem cultura de sentimento. A desculpa-os apresentava-se à condição de civilizados menores, com mente inferior ou rudimentar. Apontava-se ainda a mescla asiática de sangue que causa da amorabilidade, ou barbaria expressa nas ferocidades cometidas.

O imprevisito do fenómeno alemão está em partir de europeus, com pretensão a puros da mais excelente raça dólico-loira, nordica, preferencial a qualquer outra em nobreza etnica; e em ser o movimento ordenado pelos que se assoam de selectos entre os dêsse sangue sublimado.

Não se entende nada e forçoso se torna apelar para a crise confusional que o mundo atravessa, com a alteração de valores, medidas, referências, outrora usadas, quando se queria definir o equilíbrio das ideias e normalidade do pensamento. Como lenitivo na inquietação de espírito que tais sacudidelas provocam, tem de admitir-se que as palavras perderam o velho sentido e carecemos de inventar outras aplicáveis ao sucedido neste momento. Barbaro, civilizado, culto, rude, não caracterizam estados ou gradações na evolução mental da espécie. Outrora sim. Estes diabos, saídos do ventre de Hitler, alteraram tudo. Procedem como os selvagens, ou animais ferozes do antigo modelo, e no fim entoam hinos à intelligência que por êsse caminho enveredou.

Os que ainda contam pela medida velha, horrorizados com o espectáculo a que assistiram, soltam as vozes sempre adotadas para classificar actos daquela qualidade. Tratam de canibais os algo-

CRÓNICA DA QUINZENA

zes e sentenciadores que procederam às execuções sumárias, sem julgamento, sem qualquer formulário jurídico, dentro do teor seguido no ocidente, pelos povos mediterrâneos europeus, de cabelo e olhos escuros. E, colhidos de surpresa, perguntam se a alma esquelada, se o sentimento fosforescente, de brilho metálico, próprio dos asiáticos, não teria avançado do Vistula para cá. Começaria a duvidar se a Tartária e Mongólio não começarão a contar-se de ora avante do Reno para além.

Perante êstes modos de considerar a sua façanha indignam-se os responsáveis que mandaram matar de empreitada as quarenta e seis vítimas, previamente convidadas a fazer o Hara-Kari não aceito.

Uns chacinaram, outros aplaudiram, tratando de genial, heroico, redentor, êsse episódio de laivo tibetano. Foi isso que causou assombro e arrepios no fio do lombo aos nativos de Paris, Londres, Lisboa. Ouviram-se brados de indignação. Irritaram-se os intrépidos matadores com tais manifestos. Reacção legítima, justificável, por parte de quem pode arrogar-se o direito de dizer que estranhos nada têm que ver com a vida íntima de cada povo?

Isso não. Os que vêm a público dar espectáculo sugerem-se ao veridicto da assistência. Quem vê matar, mesmo sem querer aponta os assassinos à execração. Foi o que se fez em todo o mundo de pele branca.

Que esperavam êles, os que procederam à maneira dos Fu-Piang e Sing-Song, na crónica do Jehol e Mandchúria, intitulados ora generais, ora bandidos?

O que mais surpreende é a revolta agora expressa e mais a defesa que pretendem fazer de procedimentos nunca observados na Europa nos últimos 3.000 anos de que há memória.

Resta-nos como consolação extrema a segurança de que êsse escabujar sôa a preságio de sinistro próximo. Sem bem entender porquê o monstro nascido da violência, sustentado pela violência, sempre impante de grosseria cheira a pôdre, assemelha-se a tumor, ou abcesso que rebenará de súbito em seguida a qualquer sacudidela desastrosa.

Como vai acabar não se sabe. O que

se presente é a impossibilidade de perdurar uma criação que assim se apresenta por modo tão contrário ao natural dos homens nados e criados neste distrito do glôbo.

Os votos a fazer são de que se demore pouco a chegar o momento de pôr na crónica êste sumário ponto final:

«Maldita seja a sua memória para todo o sempre.»

Começaram as picaretas a demolir o que melhor fôra não ter sido edificado, aquela rôlha metida na bôca da Calçada da Glória, por um dos numerosos graçejadores sem espírito que Lisboa, ou o seu senado municipal sustentou ao bento seio.

Têm nascido de facto uns filhos espúrios da cidade que depois se lhe meteram em casa, a consideram cousa sua, para a tratarem como roupa de franceses.

Anceia-se por que o justiceiro arrasamento agora efectuado seja sinal de que os tempos mudam e emfim se começa a compreender a necessidade de reparar as injúrias cometidas contra a urbe e seu habitante.

Retirado o indecoroso apêndre vão com certeza desaparecer da Avenida os mamarrachos causadores do seu descrédito, «Garoto-em-ceroulas», «Jogador-de-chinquilho» e demais vermina.

Não será difícil dar-lhes destino. O primeiro applica-se em qualquer encruzilhada como indicador do caminho; o segundo coloca-se num retiro do Alto-do-Pina. A seguir trata-se de decompor e arrumar a colecção da Rotunda; o boi manda-se para Vila Franca como apologia da carne que a Leziria há-de criar; o cavalo pode ficar na Rua do Alecrim como monumento votivo ao animal que por aquela ládeira acima tanto penou outrora a servir o lisboeta; a mulher do lençol passa para o Bairro Alto, não é preciso dizer porquê; o homem esborrachado sob o pedregulho quebra-se a camartelo por conveniência de dar sumiço a tamanho disparate; a cozinheira do espeto serve para enfeitar a entrada da barraca do marisco, do Luna Parque; o marquês com o cão manda-se para um píncaro da Serra da Estrêla donde será visto a dez léguas de distância. Combina-se que representa o Viriato caçador de romanos e assim se comemora o esquecido herói lusitano. De longe deve ficar parecido.

Por êste caminho ainda poderemos remir alguns dos nossos pecados mais feios e conseguir que não continue a dizer-se de Lisboa:

«Terra tão bela! Que pena ser governada por gente tão tola.»

Samuel Maia.

A muy insigne e inclita cidade de Coimbra



Diz a Sagrada Escritura, que era provérbio na Palestina: «Qui interrogat, interrogent in Abellá,» que, o mesmo queria dizer que, todo aquele que procurasse saber a verdadeira ciência, a fôsse aprender a Abellá, que era a única urbe onde havia escola pública capaz de a poder ensinar. O mesmo se podia dizer das duas cidades em que se alternou o Estudo Geral que, no ano de 129c, el-Rei D. Diniz, fundou no chamado sitio da Pedreira, junto às portas da Cruz e às velhas muralhas de Lisboa, para aí se ministrarem as profundas ciências de cânones, leis, lógica, gramática, medicina e música, e que, dezoito anos depois, teve de ser transferida para um palácio existente na rua da Sofia, em Coimbra, em virtude da súplica real nesse sentido dirigida ao pontífice Clemente V, com o fim de pôr termo aos frequentes motins ocasionados por os gracejos dirigidos pelos irrequietos escolares às moiras bonitas e aos pacatos pescadores de Alfama.

A arte medieval coimbrancesa — (Desenho de António Augusto Gonçalves)

Segundo o historiador Manuel Severim de Faria, Chantre e conego da Sé de Evora, este Estudo estabelecido por D. Diniz, foi o primeiro que, na Peninsula Espanica, se criou com privilégios Apostolicos, e a instancias de muitos prelados do reino que para os salarios dos mestres, oferecram os rendimentos de algumas igrejas, tendo o soberano, em seu nome e no de todos, feito súplica para sua criação, á Curia Romana, e em consequência do que, o Pontífice Nicolau IV passou as Bulas, nas calendas de 1290, ou sejam quarenta e quatro anos antes do Papa João XXII, preclaro lisbonense, as ter passado para o Estudo de Salamanca.

Coube a D. Afonso IV, o Bravo, tornar a tra-

zer este Estudo para Lisboa, e nela se conservou muitissimos anos, sendo depois bastante acrescentado pelo infante D. Henrique — o invicto filho de D. João I, Mestre da Milícia de Cristo, a quem se deve o inicio da maior Epopeia Maritima do Mundo — o qual lhe deu as suas casas, sitas nas proximidades do histórico Convento de S. Vicente de Fóra, no local que, por essa razão, se ficou chamando Escolas Gerais.

Vendo D. João III — o inteligente monarca a quem, pelo amparo que dispensou ás letras, apelidaram de «insigne Messias Lusitano» —, «que o trafego da Côte e grande comercio de mercadores, naturais e farasteiros, conduziam mal com o repouso e quietação dos escolares, e que, em Coimbra, ficavam muito melhor acomodados, tanto pelo sitio, que está quasi no meio do país, como pela temperança e fartura da terra,» restituiu, definitivamente, á Lusa-Atênas — Rainha do Mondego, esse Estudo ou Escola Geral, que então, já em plena época renasçença, tomou o nome de Universidade.

Para isso, emprestou o seu próprio Paço do Alcaçar, que depois veio a ser vendido por Filipe I, á mesma Universidade, e deu ao padre Simão Rodrigues e aos seus onze companheiros, as casas e as terras precisas para construir o enorme colégio — mais tarde extinto, devido á expulsão da Companhia de Jesus — e que, segundo Pinho Leal, «formava um verdadeiro seminário apostólico, com sábios professores, que ensinavam aqueles destinados às ar-

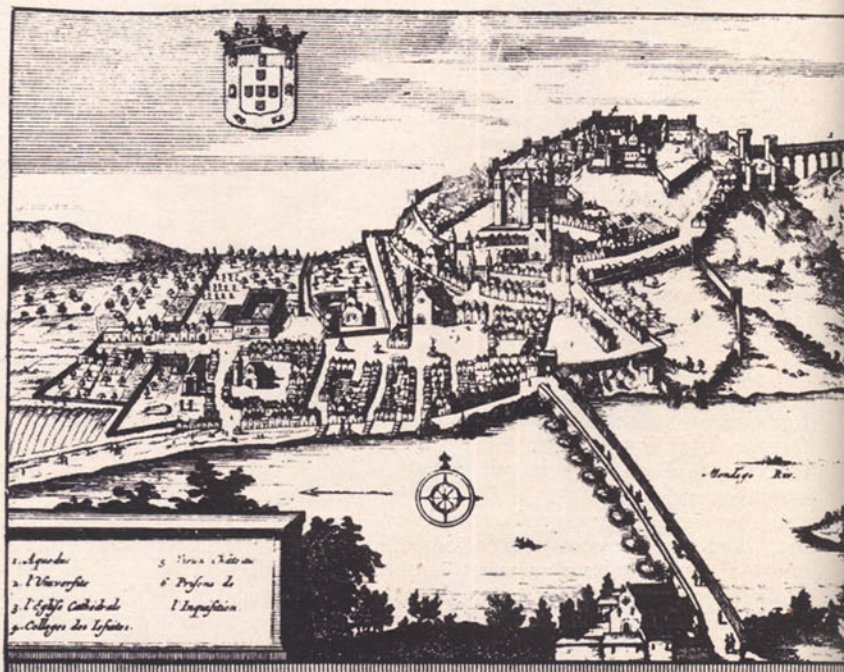
riscadissimas missões no nosso vasto império colonial. facto que concorreu, poderosamente, para a propagação do catolicismo no Ultramar, e para a extensão e consolidação do poder português, por essas remotas regiões de Alem-mar.

Atóra este Colégio-Maior Universitário de S. Paulo, existiam, em Coimbra, o de S. Pedro, o da Ordem de S. Bernardo, o de Nossa Senhora da Graça de Eremitas de S. Agostinho, o de Carmelitas calçados, o dos Padres Terceiros de S. Francisco, o dos Religiosos Franciscanos de Xabregas, o da Pedreira dos Capuchos de S. António, o dos Religiosos da Santissima Trindade, o dos Conegos de S. João Evangelista, o dos Padres Carmelitas descalços, o dos Conegos Regrantes de S. Agostinho, e os das Ordens de Santiago, de Aviz e de Cristo.

Enquanto todos estes colégios se dedicavam á instrução da infância e da mocidade, saíndo das suas aulas alunos que depois fôram varões sapientissimos nos diversos ramos das ciências, na Universidade coimbrã — então já regida pelos mais jubilados lentes, nacionais e estrangeiros, entre os quais avultava o nosso grande cosmógrafo Pedro Nunes, seu primeiro lente de matemática — e mercê de muito dispêndio régio, por tão notável fôrma se alevantava o nível da instrução e do ensino que, numa crónica coeva, se diz ela haver derramado o fruto das suas luzes, pela Etyopia, Índias e Ilhas Orientais, até os últimos fins da Terra, onde chegára a navegação e comércio dos Reis Portugueses.

Tal como publica o illustre ulissiponense, Diogo Barbosa Machado, Abade Reservatório da Igreja de Santo Adrião, do Bispado do Pôrto, e membro da Academia Real da História Portuguesa,

Antiga vista de Coimbra segundo uma estampa dos «Annales d'Espagne et de Portugal» de Alvarez de Colrejar (1741)



- 1. Alcaçar
- 2. Universidade
- 3. Igreja Cathedral
- 4. Colégio dos Jesuitas
- 5. Igreja de S. Pedro
- 6. Profano de S. Francisco



A «Insignia da Universidade 1716». — (Aqua-forte de Josefa de Obidos)

«dilatava-se a fama dos progressos literários da célebre Universidade de Coimbra, não só no reino, mas por todo o orbe, com que a providência de El-Rei D. João III restaurara esta Atenas Lusitana, florente em número e qualidade de catedráticos sapientes em todas as Faculdades; e como este augusto restaurador a tinha honrado com a sua real presença, no ano de 1550, se resolveu o rei D. Sebastião, imitando o exemplo de seu avô, visitar a mesma Universidade, escrevendo do Paço de Cintra, a 26 de Setembro de 1570, ao Senado de Coimbra, ordenando-lhe que queria ser recebido com igual ceremonial de seu antecessor». Esta pomposa visita, realizada a 13 de Outubro do mesmo ano deu origem a que o Monarca Desejado, ampliasse o Colégio-Maior Universitário de S. Pedro, fundado por D. Rodrigo Lopes de Carvalho, Bispo de Miranda, dando-lhe, para isso, uma boa parte do seu Paço Real.

Chegado o século xviii, um outro novo período de valorização atinge este instituto. Escreve Francisco Xavier da Silva, Protonotário Apostólico de Sua Santidade e Ministro da Curia Patriarcal e do Tribunal da Nunciatura que, «por as Sbedoria também ter arcádia, mandou el-Rei D. João V, por Provisão de 31 de Outubro de 1716, edificar uma nobre e espaçosa casa para a livraria da Universidade de Coimbra, em ordem a se fazer pública, para cómodo e proveito dos estudiosos. Lançou-se a primeira pedra no dia de sábado 17 de Julho de 1717, às seis horas da tarde, com a assistência do reitor Nuno da Silva Teles, e de muitos lentes. Acabou-se a obra com tanta perfeição e riqueza, que deixa gostosa qualquer pessoa que a vê, pois entre as mudas línguas de tantas obras científicas, se percebe a grandeza do seu egrégio fundador. Para o maior número de livros, ampliou a cem mil réis a disposição do Estatuto da mesma Universidade, que ordenava que em cada ano se empregasse uma livraria por quarenta mil cruzados, para aumentar a daquele emi-

nantíssimo Ateneu, o que tudo pontualissimamente se executou; porque convinha que a admiração se não empregasse só na bela arquitectura do edificio. Bem se pôde dizer, que Sua Magestade deu a mão às Letras Portuguesas, e que as levantou da queda a que as reduzia a injúria dos tempos e o descuido dos antigos lusitanos, que se empregaram mais em pelear do que em escrever».

Cinquêta e cinco anos depois, o filho do Rei Magnânimo, despachava estas duas cartas régias, para o marquês de Pombal, do Conselho de Estado de el-Rei D. José I, e seu plenipotenciário na reforma e ampliação dos Estatutos de tão famoso estabelecimento de ensino superior:

— Honrado marquês, meu lugar-tenente, muito presado amigo. Faço saber a essa Universidade, como protector que sou dela, ser servido reformá-la, e por isso, em meu nome, fareis tudo, concedendo-vos todos os privilégios que são concedidos aos vice-reis, e ainda aqueles que eu reservo para mim. A mesma Universidade o tenha assim entendido, e vos respeite todas as honras que vos são devidas, pois sois do meu real agrado e protecção — Palacio de Nossa Senhora da Ajuda, em 13 de Agosto de 1772. — Rei.

— Amigo, eu el-Rei vos envio muito saudar, como aquele que prézo. Achando-se vago e incorporado na minha real coroa, o edificio que serviu de colégio, nessa cidade, aos proscritos jesuitas; e tendo prestado o meu régio assenso para que o vigário capitular desse bispado, de acôrdo convosco, fizesse applicação da suntuosa igreja dêle e de tudo o que mais necessário fôsse em beneficio da Sé Catedral, que para ela deve ser transferida; tendo consideração a que o amplíssimo resto daquele vastissimo edificio, antes fundado para ruína da cidade, dos estudos e do reino, se pode hoje converter em beneficio público, dividindo-se e applicando-se útilmente: hei por bem que, mandando tirar o plano do dito edificio, façais dele, em vosso arbitrio, as divisões e applicações que mais úteis vos parecerem, ou si ja em beneficio da Universidade, ou da cidade, ou das provincias do reino. E porquanto sou informado que nas minas do castelo dessa cidade, e nos amplos terrenos que se acham no recinto dele, há todas as comodidades para se estabelecer o observatório, e para se fabricarem todas as casas e oficinas necessárias para a habitação dos professores de astronomia, dos seus adjuntos e para os guardas dos instrumentos ópticos: hei, outro sim, por bem, que possais aplicar as

D. João III, protector das letras universais, recebendo um livro das mãos dum religioso. — (Gravura de 1523, feita em Lisboa)

ditas ruínas e terrenos ao dito observatório, mandando fabricar todas as obras que julgardes necessárias. Para os sobreditos fins, hei por bem conceder-vos as mesmas faculdades, com que fui servido autorizar-vos para o estabelecimento dos novos estudos que nesta Universidade mandei fundar pela minha carta de 28 de Agosto próximo passado, e dos quais vós tendes feito até ao presente, e fareis daqui em diante, o bom uso que as longas experiências da vossa prudência, do vosso zelo e préstimo, e de vosso amor ao meu real serviço, me fazem esperar. — Escrita no Palacio de Mafra, em 11 de Outubro de 1772. — Rei.

Agora, anotados os pontos culminantes da evolução da nossa máxima cátedra de Minerva — que ainda hoje se reje por esse estatuto pombalino —, sintetisemos Coimbra — «Risonha terra, formosa, Eden mimoso, gentil, onde os prados são de rosa, onde as água são de anil».

Coimbra é a cidade rica do santo corpo do seu Rei primeiro, remotamente fundada pelos povos colimbrios, vindos com os galo-celtas, trezentos e oito anos antes do nascimento de Jesus Cristo; e a antepassada Almedina que, com brio e honra, foi guardada pelo seu nobre alcaide Martim de Freitas — figura encarnante de toda a lealdade portuguesa.

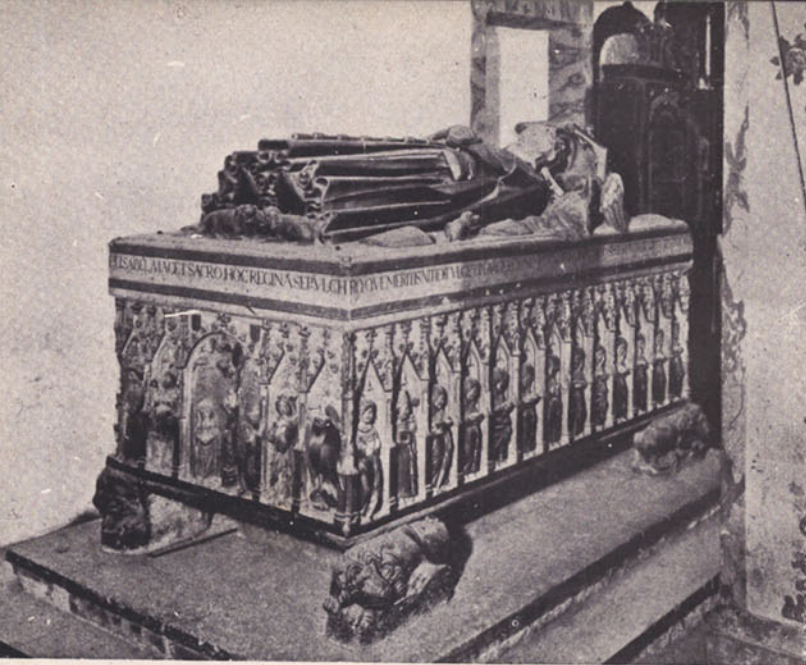
Coimbra é o recanto ruidoso, de esturdia e gargalhada, por onde se perdem os corações das tricanas e dos estudantes: e o ninho florido de apaixonados tropeiros, que, em noites luarengas, quando o poético Mondego se prateia, por entre as frondas do Choupal, vão cantar ao desafio com o gorgeio dos rouxinóis!

Coimbra é o berço de sete monarcas e a côrte dos nossos reis iniciantes, engastada em preciosas pedras românicas, góticas, renascentes e barrocas; e o lugar venerado em que, no seu velhinho Mosteiro de Santa Clara, repousa Santa Isabel — modelo das Mães, das Esposas e das Rainhas, em cujo regaço o pão alvo dos seus pobres se transformou em perfumadas rosas, e que, sendo o bemdito fruto de Aragão, é o louvado orgulho de Portugal!

Coimbra é, finalmente, a terra de encantos, evocadora da meditação e da saudade, das lágrimas e dos amores, onde ocorreu a seguinte tragédia:

— Na côrte do rei Afonso IV, não constituia segredo, haver o arcebispo de Braga, D. Gonçalo Pereira, consorciado, a occultas, em Bragança, o herdeiro da Coroa, com a formosíssima filha do aristocrata galego, D. Pedro Fernandes Castro, a qual, viera para Portugal, como dama de honra da desventurada Dona Constança, a primeira consorte daquele Principe Real que, quando reinante, foi o justiceiro para os bons,





O primitivo túmulo da Rainha Santa Isabel, padroeira da cidade

Aspecto das salas da biblioteca da Universidade de Coimbra, obra de D. João V



e o cru para os maus, e do qual, ao sepultar-se, com severas pompas, abeirado da mulher que, em vida, tão ardentemente amára, o povo, num angustioso lamento, disse: «Tal Rei, ou nunca haverá de nascer, ou nunca haverá de morrer».

Sabedora a Rainha Dona Brites, da tenebrosa trama que se urdia contra a indefeza Inês, aconselha seu filho, a pôr em seguro recato de Espanha, a senhora que tanto estimava, por muito temer que, a maldade dos juvenis palacianos, Diogo Lopes Pacheco, Pedro Coelho e Álvaro Gonçalves, meirinho-mór, acabasse por vencer a bondade que sempre reconhecera em El-Rei, seu marido.

Por demais confiar no coração dos cortezãos que rodeavam seu pai, não quiz D. Pedro ouvir o bom conselho de sua mãe, e tanto que, ao raiar a alva de um sereno dia de Janeiro, após ter beijado, carinhoso, os tenros filhos, e sô-fregado, a meiga esposa, se foi, despreocupado, com seus falcoeiros e mais os

sivo, e lhe lança às faces, esta palavra de pergunta:

— A que vindes, Senhora?...

Inês, a seus pés ajoelhada, numa atitude de Mater-Dolorosa, abraçando-se a seus filhos queridos, como a querel-os escudar do fulminante olhar do pai, dêsse que, em tão grave momento, longe estava para a poder defender, assim lhe responde:

— Rei, Senhor meu Pai!... Suspendei; não me mateis a mim, porque, a vosso filho matais, ferindo êste meu triste coração!...

... Que culpa tenho eu, de amar tanto cá a dentro do meu peito, o vosso filho?...

... Mulher frágil, quem não a desculpará de ser amada e rendida por tão excelente Príncipe?...

... Dize, o que dirá de ti, a posteridade, se com vis conjuras, fizeres derramar o meu palpitante sangue?...

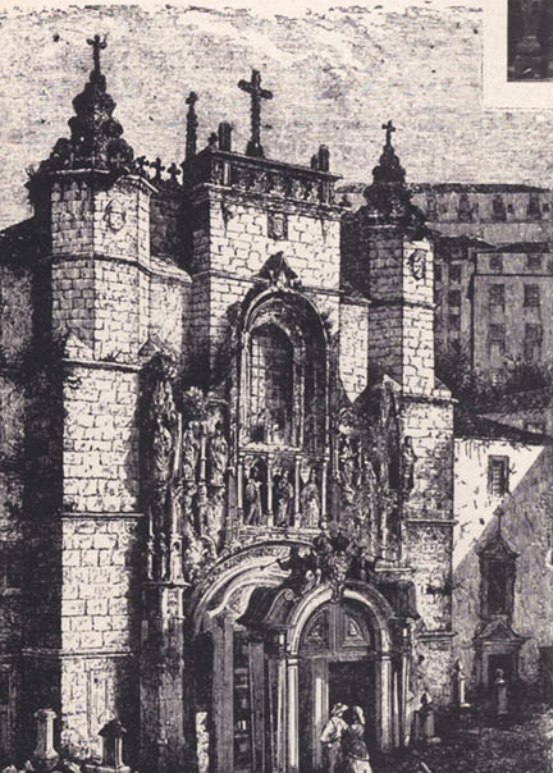
... Lembrai-vos, que eu sou a filha daquele vitorioso D. Pedro Fernandes de Castro, — o da Guerra — e que, nas minhas veias, corre o mesmo sangue real que das tuas!...

... Estes Infantes que aqui vos trago, são vossos netos: Se, pelo crime de vol-os dar, me tirais a vida, matai-os também, não fiquem estes pedaços de alma minha, no lugar de onde me arrancas a minha alma inteira!...

... E agora, só mais vos tenho a dizer, que podéis atravessar-me à vontade, com os punhais dos vossos mercenários; mas, se o fizerdes, crêde que Inês não morrerá, porque ela viverá, sempre, no coração de teu filho Pedro, e êsse, cá ficará, para desagrar o Amor, a Esposa e a Rainha!!

Triste epilogo!... Dias depois, a maldade humana via a sua maior apoteose: Todos os humildes campanários das ermidinhas brancas, bem brancas, dos saudosos campos do Mondego, tangiam, lúgubres, a finados. Era os algozes verdugos palatinos que, na doce mansão do apaixonado D. Pedro, à beira de inocentes frutos de um casto amor, sem penas nem remorso, tinham assassinado a pobre Inês, Colo de Garça.

E. Raposo Botelho.



A igreja de Santa Cruz, tal qual foi edificada, segundo um desenho de Nogueira da Silva

seus monteiros, para delongada caçaria, em mui distante coutada.

«Estava a linda Inês posta em so-cêgo, naquele engano de alma lêdo e cego», quando alguém afeiçoado, lhe veio contar todo o âmago da dura verdade.

Presto, arrostando com o perigo traiçoeiro da caminhada, logo ela foi até o altivo Alcaçar de Coimbra, para aí, bem junta aos degraus do trono, — com sentidas lágrimas, demover um coração rebelde, — com comoventes rogos, abrandar as iras de um severo espírito, — com presença de inocentes netos, enternecer uma alma rispida de avô.

O Rei a recebe, arrogante, agreste e agres-

Assassinio de Inês de Castro — (Segundo uma gravura de Desenne, duma edição dos Lusíadas)



A morte de madame Curie

uma grande figura de ciência

A morte de Madame Curie, personalidade científica do maior relêvo, causou, como não podia deixar de ser, a mais profunda consternação em todo o mundo. A sua vida de sacrifícios pelo progresso da ciência e os extraordinários serviços prestados à humanidade sofredora impunham o seu nome como um dos mais gloriosos da nossa época.

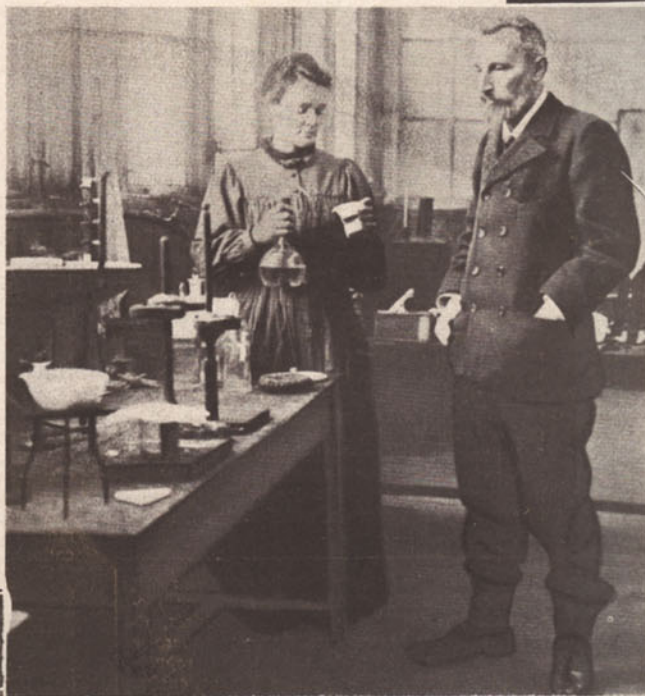
Madame Curie era polaca de origem, mas naturalizara-se francesa pelo seu casamento com o professor Pierre Curie que veio a falecer em 1906, em Paris, vitimado por um desastre de viação.

Colaborou sempre estreitamente com seu marido em trabalhos de investigação científica. A ela se deve, porém, em parte a orientação desses trabalhos. Discípula de Becquerel, pôde apreciar de perto a extraordinária descoberta deste grande químico francês sobre as propriedades radiantes do urânio. Seduzida pelas vastas perspectivas que essa descoberta deixava ante- ver, instigou seu marido a prosseguir as investigações. Foi assim que os esposos Curie foram levados ao conhecimento de que as propriedades radiantes são extensivas a outras substâncias, o que lhes permitiu alargar o campo das pesquisas.

Após um labor exaustivo, os dois sábios acabaram por descobrir um novo elemento a que deram o nome de rádio. Restava isolá-lo e isso era tarefa sumamente difícil. Quando a morte veio pôr termo brutal à carreira de Pierre Curie, as pesquisas iam avançadas e já se obtinha do minério de pechblenda uma

substância raríssima que era o brometo de rádio.

Madame Curie prosseguiu as investigações de seu marido, dando assim uma admirável continuidade à sua obra. As suas descobertas entraram tempo depois na prática industrial, pondo à disposição dos sábios quantidades apreciáveis desse novo elemento. Entretanto, a acção das radiações sobre tecidos vivos fôra estudada e levava às mais imprevisas conclusões. A aplicação dessas radiações no tratamento de certos tumores e do cancro começou a ser tentada com êxito e recebeu o nome de «curie-terapia» em homenagem à ilustre mulher de ciência que a tornara possível.



EM CIMA: A ilustre mulher de ciência, acompanhada de seu marido, no laboratório da Sorbonne

AO LADO: Madame Curie quando da descoberta do rádio

O mundo inteiro consagrou Madame Curie, distinguindo-a com as mais altas honrarias. Era doutora «honoris causa» de muitas agremiações científicas. Em 1911 recebeu o Prêmio Nobel de Química. Fazia parte do Instituto de Cooperação Intelectual da Sociedade das Nações, onde o nosso país é representado pelo sr. dr. Júlio Dantas.

Em 1920, foi aberta uma subscrição pública nos Estados Unidos para aquisição dum grama de rádio que lhe foi oferecido para prosseguir nas suas investigações. Nove anos depois, as mulheres norte-americanas repetiam a oferta, para



Madame Curie

receber a qual Madame Curie atravessou o Atlântico. A população dos Estados Unidos aproveitou esse ensejo para lhe fazer uma recepção apoteótica.

Publicou uma extensa série de obras, onde se encontra a essência do seu aturado trabalho, como sejam: pesquisas sobre as propriedades magnéticas dos aços temperados; isotopia, e elementos isotopes, e em especial um completíssimo «Tratado da Rádio-actividade», em que reuniu todos os conhecimentos recolhidos até à sua época.

Fundou em Paris, em 1919, o Instituto de Rádio e criou as cadeiras de radiologia e electrologia médica da Faculdade de Medicina daquela capital.

Apesar da sua idade avançada — 77 anos — Madame Curie morreu vítima da sua dedicação à ciência. Sucumbiu a uma anemia perniciosa provocada pelos estragos causados pelas radiações que descobrira. Deixa duas filhas, Helena e Eva, a primeira das quais continua os trabalhos de seus pais.

O enterro da ilustre mulher de ciência efectuou-se com a maior modéstia, em cumprimento da vontade da defunta. Só isso, de resto, impediu que a França lhe fizesse funerais nacionais, propósito que o Governo abandonou a pedido da família.

De entre os milhares de telegramas de condolências recebidos de todas as partes do mundo, figuravam os da Comissão Executiva da Junta de Educação Nacional e do Instituto Português de Oncologia.



Uma obra de grande utilidade: "Manual de Medicina Doméstica"

pelo dr. Samuel Maia



Dr. Samuel Maia

Como tôdas as artes, também a de viver assenta em bases científicas que lhe dão rumo e consistência. Neste caso intervem a biologia, a higiene, a medicina com os seus dados para mostrar o uso a fazer do corpo, seu emprêgo e possibilidades, modo de prepará-lo robusto, de conservá-lo em vigor. Procura-se conhecer o que conduz ao deterioramento, à ruína, os males que podem afligi-lo, para serem evitados.

Assim tem de aprender-se a utilizar os diversos órgãos e funções, dentro da medida que a sua estrutura indique, sem forçar uns, ou desleixar o emprêgo de outros.

Todo o presente livro se destina a fornecer elementos para estabelecer esse programa, que bem se entende impossível de meter em fórmulas rígidas.

Nos capítulos anteriores mostra-se a necessidade de proceder com inteligência no desempenho de todos os actos da vida. Os princípios gerais de que se tomou conhecimento, sujeitam-se a condicionalismo pessoal, dada a variabilidade dos organismos a que se aplicam. Não existem dois corpos vivos de identidade perfeita; menos ainda existem dois homens que são os corpos vivos mais complexos e diferentes da natureza, de condição inteiramente igual.

Por isso a arte de viver difere de um para outro e, no mesmo, de momento para momento; cada qual tem de estudar a sua própria, servindo-se dos conhecimentos que as ciências subsidiárias lhe oferecem.

O problema toma feição especial, mercê de inúmeras particularidades ocasionais. Há tempos e modos que marcam limites ao emprêgo do organismo de que dispomos. A idade, o clima, a estação, o desenvolvimento intelectual, a constituição física, a índole sentimental, imprimem carácter distintivo ao uso que se faz do alimento, do movimento, depois do coração, estômago, sexo.

As regras gerais aqui delineadas servem apenas para cada um escolher a lei particular de que se servirá na prática corrente.

As páginas precedentes trataram dois pontos que por assim dizer fecham o ciclo da vida animal: o alimento e o movimento. Bem se sabe que muitos seres mais altamente colocados na escala zoológica acham dentro dêles confinada toda a sua existência. A função sexual, que também constitui uma das actividades importantes nos seres vivos, pode não se exercer nos animais superiores. Não quer dizer que ela deixe de actuar poderosamente, a termo de preponderar sobre as outras, ou de imprimir-lhe ritmo especial.

No homem, mais do que em outro animal, a hipótese se verifica com insistência notável. E tanto que em muitos chega a parecer que tôdas as actividades dependem daquela e se lhe subordinam. Para isso influi um elemento, nas outras espécies nulo, constituído pela inteligência.

Esta singularidade é que torna o homem diverso e à parte dos outros animais, porque, usando-a, elle consegue vencer e corromper o instinto, ou secreta sabedoria, ministrada pela natureza aos seres vivos que cria.

Mais não precisamos para mostrar a necessidade de procurar uma regra de exercício intelectual e um modo de entender o momento sexual no curso da vida. Analisaremos a seguir esses dois pontos, depois do que se verá qual deva ser o estatuto referente às diversas idades.

O horror à morte exacerbado pela inteligência fez nascer o anseio da sobrevivência e da longa vida. Para satisfazê-lo se formaram religiões, teorias, práticas, a que não faltou nenhuma extravagância. Tem-se inventado tudo, desde as Pirâmides faraónicas até ao Espiritismo, ao ouro líquido, ao licor gerontocomista. Sábios e charlatães se ocuparam em descobrir a pedra filosofal que abria a humanidade a fonte de Juventa.

Com esse maravilhoso elixir se evitaria a velhice e a morte, pelo menos a primeira.

Lembram-se de tudo. O ouro, o mercúrio, as plantas venenosas, os animais peçonhentos andaram em retortas e almofarizes, ora torrados ora cozidos, destilados, sublimados. Feiticeiras, alquimistas, oculistas, pagaram na fogueira purificadora o crime de procurar a receita da imortalidade que seria também a da felicidade.

Não conseguiram nada. Tamanho esforço e perigo algum proveito deixaram, menos o procurado. A incógnita da longa vida legada pelos medievos aos modernos, dêstes aos contemporâneos, permanece inviolável.

De tempos a tempos aparece a notícia de que mais um se atreve a apresentar a solução que escapou a Paracelso, a Boerhave, depois a Brown-Sequard, por fim a Voronoff. Pouco depois declara-se o rebate falso.

Temos então de reconhecer que até hoje a ciência não apresentou nada de útil à conservação da mocidade, ao afastamento da velhice?

Também não. Há alguma coisa de sério e bem experimentado que se recomenda como eficaz. Tal receita quando bem aplicada rende saúde, vigor, dilata pois a mocidade, afasta a velhice e torna-a menos desgraçada.

Não é segredo nenhum contido em pilula, licor ou injeção renovadora. Diz-se em duas palavras. Consiste em fazer um uso racional da vida, o mesmo se adopta para com a fortuna. Tudo se resume na arte de gastar.

Quando de um capital se consome apenas o rendimento, elle mantém-se por tempo indefinido. A vida aceita bem o paralelo. Pode gozar-se dispendendo apenas o juro, ou entrando no próprio. Numa ou noutra hipótese, difere muito a sua duração.

Analisemos em que consistem as variantes.

A velhice define-se anatómica e fisiologicamente por uma alteração dos tecidos que compõem os órgãos e correlativa deficiência funcional.

A Livraria Bertrand acaba de editar um livro precioso: «Manual de Medicina Doméstica». Assina-o o dr. Samuel Maia, figura marcante na medicina portuguesa e homem de letras de reconhecida reputação. Trata-se duma obra onde se ensina a proceder imediatamente, antes da chegada do médico, no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio, etc... Tem conselhos admiráveis e instruções sobre enfermagem, mostrando como se põe uma ligadura e como se faz um penso. É um livro indispensável numa casa, pois é um guia que define e diz como se pode fazer o tratamento das doenças. Insere também a descrição do corpo humano e quais os cuidados a seguir na defesa da saúde e da longevidade. Indicando o título de alguns dos seus capítulos, melhor dizemos aos leitores da sua utilidade: Higiene — O alimento — Arte de viver — Enfermagem — Socorros de urgência — Farmácia doméstica — Ensaio e tratamento das doenças. O sr. dr. Samuel Maia, que subscreve esse volume, que está profusamente ilustrado, é uma autoridade. Os seus vastos conhecimentos de medicina e a sua clara maneira de descrever assuntos puramente médicos, emprestam ao «Manual de Medicina Doméstica» um valor ainda maior. Dessa obra, damos nesta página dois trechos do capítulo «Arte de viver».

Ossos, músculos, articulações, artérias, nervos, células glandulares modificam-se ao longo do tempo, pelo uso. No geral endurecem pela invasão, com acréscimo do volume e consistência, da argamassa neutra, chamada tecido conjuntivo que a natureza emprega na construção do edificio orgânico.

Cada peça estruturada do corpo é formada por parte nobre, funcional, composta de células, e outra constituída por material de suporte. Há as células do osso, do músculo, nervo, fígado, pancreas, que desempenham um papel no acto complexo da vida, e há o tecido conjuntivo que apenas serve para mantê-las na sua posição. Esta última substância prolifera mais ou menos depressa; à medida que se desenvolve, esmaga células e assim reduz a capacidade funcional dos órgãos a que elas pertencem.

Essa evolução faz-se com mais ou menos demora segundo a quantidade de agentes provocadores ou irritativos que a excitam.

Conhecem-se os piores, mais agressivos. São ácidos, venenos substâncias tóxicas introduzidas ou formadas no corpo, postas em circulação no sangue. Para combater esses inimigos há defesas constituídas por ferimentos, células especiais, reacções eliminatórias. Estabelece-se pois uma luta que tanto mais intensa e violenta for, mais depressa conduz à fadiga os encarregados de sustentá-la. O próprio tecido conjuntivo aumenta para proteger a célula. E tanto a protege que acaba por abafá-la.

Assim nos convencemos que para retardar a velhice temos de poupar as células à agressão dos elementos acima mencionados, a fim de evitar que os defensores se extenuem e vão reduzindo ao mínimo os elementos nobres que têm de proteger.

Já estamos percebendo como a velhice aparece precoce nos que dão franco acesso aos tóxicos e retarda nos que procuram evitar o seu contacto. Os limites dêste mínimo e máximo são extensos. Há velhos de trinta anos; há jovens de oitenta e mais.

Dentro do que acaba de apontar-se em esboço, decorre todo o problema, ou se quisermos, o drama da longevidade.

Resta indicar as fontes produtoras dos venenos que irritam o conjunto e acabam por sufocar a célula, para completar o panorama da questão. Esse descritivo que ocupa extensos volumes, quando se procura tratá-lo com pormenores, tem de aparecer aqui em nota sumária, ou simples enunciado.

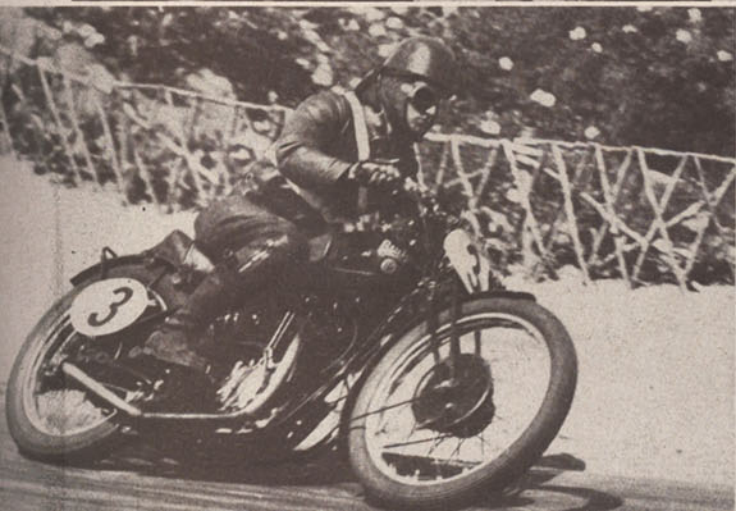
Samuel Maia.

ACTUALIDADES

O centenário da Guarda Municipal — Comemorando a passagem do centenário da Guarda Municipal, hoje Guarda Republicana, realizou-se uma parada das forças daquela antiga corporação. O governo concedeu-lhe, por esse facto, a alta condecoração do grande oficialato da Torre e Espada, cujas insígnias foram entregues pelo Chefe do Estado ao sr. general Farinha Beirão, seu actual comandante. As nossas gravuras mostram-nos o momento solene da entrega das insígnias, um aspecto do desfile dos contingentes da guarnição e a tribuna presidencial, onde se veem, além do sr. general Carmona, os srs. major Alberto de Oliveira, ministro da Guerra e capitão Gomes Pereira, ministro do Interior. No desfile, entraram forças das seguintes unidades: Marinha, Caçadores 5, Caçadores 7, Metralhadoras 1, Artilharia 3, Artilharia Pesada 1, Cavalaria 2, Cavalaria 7, Sapadores Mineiros, Guarda Fiscal, Polícia e Sapadores Bombeiros. A seguir, comandada superiormente pelo sr. coronel Pestana Lopes, passou a G. N. R. em formação impecável.



As corridas de motos e automóveis no Parque Eduardo VII — Promovidas pelo Automóvel Club de Portugal e revertendo o produto das entradas a favor da Comissão Central da Assistência, realizaram-se no último domingo, no Parque Eduardo VII, corridas de motos e automóveis. Angelo Bastos — que se vê na gravura da esquerda, em baixo — ganhou a prova de motos, para «seniores», tendo feito 10 voltas em 1 h., 1 m. e 45 s. A corrida de automóveis Norte-Sul foi ganha por Jorge Seixas — cujo retrato damos abaixo — à média horária de 72 590, classificando-se em 2.º lugar Manuel N. Santos — que se vê na outra gravura. A prova «corrida» foi ganha por Luiz Canedo, à média horária de 72 158 e o 1.º prémio da prova «Vencedores» foi alcançado por Manuel Nunes dos Santos.





peças, os srs. ministros dos Negócios Estrangeiros, da Polónia, Romenia, Noruega; encarregados dos Negócios da França e Inglaterra; dr. Carneiro Pacheco, reitor da Universidade; dr. Pereira Dias, representando o sr. ministro da Instrução; tenente-coronel Esmeraldo Carvalhal, delegado do sr. ministro da Guerra.

A exposição tem um catálogo completíssimo. O sr. dr. José de Figueiredo — o grande animador desta manifestação artística — escreveu o prefácio. Não só pelo bom gosto da disposição das salas, como pelos trabalhos de organização, o sr. dr. José de Figueiredo marcou mais um triunfo, como illustre director do Museu de Arte Antiga.

São do prefácio do catálogo, os períodos que se seguem:

GRAÇAS ao patrocínio dado à nossa iniciativa pelo Senhor Presidente do Conselho, Doutor António de Oliveira Salazar, é agora exposta ao público, pela primeira vez na sua totalidade a baixela da antiga Côte Portuguesa. E o facto d'esses quasi dois séculos após a sua factura. Com excepção de grupos como as Estatuetas em vermeil, de Cousinet, dos Vasos para gelo, de Auguste, uns e outros provenientes de encomendas a que foi alheia a nossa Casa Real, e ainda possivelmente das Serpentina, de Jacob e Lévéque, sem esquecer o grande Centro de mesa, que se verificou ultimamente, ser obra de Thomas Germain, embora só tivesse vindo para Portugal, mais tarde, com as outras peças a que andou sempre junto, toda a Baixela foi mandada fazer, no terceiro quartel do século xviii e realizada dentro desse período de tempo, na oficina de François-Thomas Germain, filho e successor daquelle célebre ourives francês.

São todas estas peças, agrupadas o melhor que o soube fazer a Direcção do Museu, que poderão ver os que visitarem a exposição, cujo âmbito é entretanto mais amplo, ainda mesmo a dentro da ourivesaria francesa do século xviii. De facto, além das pinturas, esmaltes e outras obras de épocas anteriores, acrescem aquelle conjunto, único no mundo a pesar do que se perdeu e dispersou do núcleo primitivo, as peças da mesma época e origem cedidas generosamente para a exposição pelos particulares seus possuidores. Pequena relativamente ao que teria sido dezenas de anos atrás, quando existiam agrupamentos do género como o que possuuiu o

Uma das três salas do Museu de Arte Antiga onde estão expostas algumas das mais raras peças da riquíssima baixela Germain

EXPOSIÇÃO DE ARTE FRANCESA

A baixela Germain que pertenceu à corte portuguesa

está exposta ao público no Museu de Arte Antiga

grande colecionador de arte que foi o marquês da Foz, esta última contribuição não deixa contudo de ter a maior importância. Todas as peças emprestadas valem, na verdade, duplamente: como obras de arte e como documentos. A ourivesaria francesa do tempo é hoje raríssima, atingida como foi, na sua quasi totalidade, pelas fundições impostas pelas sucessivas guerras da época e pelos vandalismos e saques da grande Revolução. Ao que tudo há ainda a juntar, no caso, para sua maior valia, o poder de sugestão que dá a algumas delas o facto de continuarem na posse das famílias para que foram feitas.

Nenhuma manifestação podia vir mais a tempo do que esta. Homenagem de todos os modos justíssima àquele País e a um dos períodos cul-

porque passou durante parte do século xix a baixela da antiga Côte Portuguesa, embora julgemos que acompanhasse, no começo desse século, a Família Real Portuguesa, na sua ida para o Brasil, e ali tivesse estado até ao regresso desta a Lisboa. A história moderna do jarro e bacia que fizeram inicialmente parte da Baixela e estão actualmente no «Museu das Artes Decorativas», de Paris, história que nos foi contada há anos, nessa cidade, pelo então possuidor das peças, M.^{me} Burat, torna plausível aquella nossa antiga convicção. Ambas dessas pratas parece provirem do Imperador exilado do Brasil, tendo sido compradas na Casa da Moeda, daquela capital, pelo pai de M.^{me} Burat, quando lá foram levadas para serem fundidas.



Non é isso porém argumento decisivo no caso? Talvez. Seja porém como for, o facto é que se continuamos a não conhecer bem aspectos secundários como este da história da Baixela, sabemos já entretanto, em compensação, tudo o que é essencial à origem dessas peças; e sabemos-lo, para mais, com pormenores que constituem mesmo um interessante capítulo da nossa cultura e da cultura francesa do tempo, nas suas mútuas relações.

A documentação referida começa em Novembro de 1726, com uma carta do nosso enviado,

na Haia, Diogo de Mendonça Côte-Real, para Francisco Mendes de Góis, então em Paris, e termina com a que, em 28 de Dezembro de 1728, escreve a João António da Silva, de Paris para Lisboa. D. Vicente de Sousa Coutinho, ndso ministro naquela cidade desde 1703, e embaixador a partir de 1722. Abrangem assim esses documentos, em França, duas gerações de artistas: Thomas Germain e François-Thomas Germain, e em Portugal, três reinados: os de D. João V, D. José e D. Maria I. Mas não são só aqueles dois célebres ourives parisienses que essa correspondência põe em foco. Essas cartas põem igualmente em relêvo outras figuras do meio artístico da grande cidade francesa, e entre estas, o célebre gravador e livreiro Jean Mariette, pai de Pierre-Jean Mariette, autor do «Abécédaire», ou seja um dos homens que mais alto papel representou no mundo da arte, ou antes na arte mundial do seu tempo.

Comissário artístico, em Paris, de D. João V, pelo menos de 1726 a 1728, Jean Mariette, em cuja oficina trabalhava então seu filho, nascido em 1694, não limitou a sua actividade nesse cargo à remessa de pinturas que adquiriu para o monarca português e de que faziam parte obras de Rembrandt e Van Dick. Organizou tambem para aquele n-ssoi uma coleção verdadeiramente monumental de gravuras, que compreendia, pelo menos, 106 volumes grandes, in-fólio, com os diferentes estados das obras dos mais illustres gravadores de todas as escolas.

Encadernados por um dos melhores artistas da especialidade na época, Padeloup, em marroquim vermelho do Levante, e decorados a ouro com ferros especiais que eram propriedade de D. João V, cada volume, apresentado de forma admirável, era acompanhado de um índice de todos os pontos de vista excelente.

Ao superior bom gosto e saber que presidiram à escolha das gravuras e ao seu agrupamento nas páginas dos livros, juntava-se o sentimento das proporções que guiou os compiladores ao darem às estampas o devido lugar. Assim, enquanto artistas secundários foram reunidos, três e quatro num só volume, outros, como Rubens, Rembrandt e Callot, ocupavam, cada um, diversos volumes. Rubens preenchia oito e Callot dois, ascendendo a 1439 as estampas deste último. Pelos dois volumes que encontramos, os únicos pudemos identificar até agora e que escaparam ao grande terramoto de 1755, de certo por estarem casualmente fóra da Biblioteca Régia.

O Chefe do Estado, acompanhado do sr. dr. José de Figueiredo e de alguns membros do Governo, inaugurando a Exposição de Arte Francesa

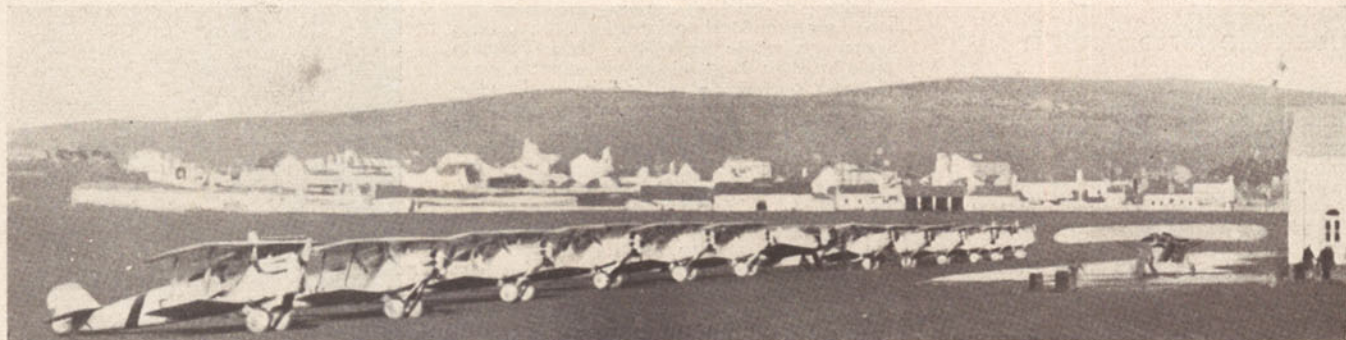


gia que abrangia, no Paço da Ribeira, toda uma longa galeria construída expressamente para esse fim por D. João V, tem-se uma ideia nítida da grandiosidade dessa obra e do espírito nítido e científico que presidiu à sua organização. Pelos mesmos dois livros, vê-se também que Jean Mariette tinha agentes em diversos centros. Um destes tomos, datado de Roma, no ano de 1727, contém as obras de Barocci, Cherubini, Alberti, Giuseppe Cesari e Vespasiano Skade. O outro, agora exposto, o segundo dos dois volumes consagrados à obra de Jean Berain, foi feito evidentemente em Paris. Ao passo que este tem dois frontespícios daquelle são, respectivamente, em português e italiano. Os índices êsses são, em ambos os livros, em português.

José de Figueiredo.



O MAJOR-AVIADOR PINHEIRO CORREIA ASSUMIU O COMANDO do Grupo de Esquadrilhas de Aviação da Amadora



As duas esquadrilhas que constituem o efectivo do Grupo da Amadora

A CABA de ser nomeado comandante do Grupo de Esquadrilhas de Aviação de Informação, com séde na Amadora, o major-aviador sr. Pinheiro Correia, que é hoje um dos nomes mais em evidência nos nossos meios de Aeronáutica.

Trata-se de um aviador com uma larga e brilhante fôlha de serviços, onde avulta a interessante viagem à Guiné Portuguesa, em companhia do seu camarada e grande amigo capitão Sérgio da Silva, viagem que foi executada com método e segurança, o que muito contribuiu para o seu completo êxito.

Num avião velho fez-se a viagem com grande rapidez, pois realizou-se uma "étape," por dia, sendo o regresso também por via aérea e caracterizado pela rapidez que as qualidades do aparelho permitiam.

No comando do Grupo Independente de Aviação de Bombardeamento, de Alverca, pode dizer-se que Pinheiro Correia se revelou um chefe, não apenas sabedor, mas também orientador, disciplinado e disciplinador. O Grupo de Bombardeamento deve-lhe muito, quer no campo da instrução, quer no de apetrechamento e melhoria de serviços.

Ultimamente o major Pinheiro Correia, organizou e chefiou um cruzeiro de cinco aviões de Alverca a Espanha e a Marroços. Esta viagem premeditada com segurança e método — como todas as organizações a cargo do ilustre aviador — marcou como um grande êxito para o Grupo de Alverca.

O novo comandante da Amadora passando revista ao destacamento do Grupo de Aviação



O major-aviador Pinheiro Correia

Não foi uma "performance," um "raid," triunfal, mas uma viagem de instrução, realizada com toda a regularidade, o que permitiu aos pilotos de Alverca tirar dela todo o proveito, quanto a tirocínio de vôo e instrução geral.

Há dias Pinheiro Correia foi nomeado pelo sr. general Daniel de Sousa, governador militar de Lisboa, para o comando do Grupo de Esquadrilhas de Aviação de Informação, com séde na Amadora. Deixou assim o distinto aviador, o comando da sua unidade de Alverca, para assumir o da sua congénere da Amadora.

É de esperar que Pinheiro Correia realize no seu novo cargo, uma acção tão interessante e útil para a Aeronáutica, como aquela que soube desenvolver no seu último comando.

A posse foi uma cerimónia simples. Pinheiro Correia chegou de avião à Amadora, passando desde logo revista às forças do aerodromo. Depois, na sala do comando, trocaram-se breves saudações, recebendo o novo comandante os cumprimentos da oficialidade.



Na Câmara Municipal

A distribuição de prémios das Festas de Lisboa

Na sala das sessões da Câmara Municipal efectuou-se, há dias, a distribuição de prémios às colectividades desportivas e às entidades que melhor se distinguiram nas Festas da Cidade. Presidiu à sessão o sr. tenente-coronel Linhares de Lima, que convidou para fazerem parte da mesa, as ilustres actrizes sr.^{as} D. Aura Abranches e D. Beatriz Costa e os srs. Roque Gameiro e Pastor de Macedo. Foram distribuídas 19 caravelas, primorosamente trabalhadas em prata, pelos conhecidos artistas lavrantes irmãos srs. Angélico, Francisco e Augusto de Sousa. O presidente da C. M. L. agradeceu aos representantes das Marchas Populares a sua colaboração, tendo palavras de elogio para o seu organizador — o jornalista Norberto de Araujo — e dirigiu os seus melhores agradecimentos a tôdas as entidades e colectividades que deram o melhor do seu esforço à realização dos festejos. A distribuição dos prémios foi feita no meio de entusiásticas salvas de palmas.



EM CIMA: — O presidente da Comissão Administrativa da C. M. L., sr. tenente-coronel Linhares de Lima, entregando um dos prémios

AO CENTRO: — A mesa que presidiu à distribuição de prémios: as actrizes Aura Abranches e Beatriz Costa e os srs. Roque Gameiro e Pastor de Macedo

EM BAIXO, À ESQUERDA: — Os representantes das marchas populares, vindo-se ao centro os srs. tenente-coronel Linhares de Lima, Norberto de Araujo e Pastor de Macedo

EM BAIXO, À DIREITA: — Uma das 19 caravelas, que, como prémio, a C. M. L. oferece às colectividades desportivas e aos representantes das marchas populares que colaboraram nas Festas da Cidade



Campainhas! Campainhas! Campainhas!

Os franceses têm uma frase para definir feições dispare de alma e de corpo, que às vezes se juntam no mesmo indivíduo: — "Où la vertu va-t-elle se nicher!" — que se pode parodiar assim: — "onde a beleza vai abrigar-se!"

É o caso de Anastácio Fernandes, típica figura dos pisos alfacinhas. Este homenzinho baixo, gorducho, com a sua pansazinha de pacato burguês, esconde dentro do seu envólucro modesto uma grande alma de artista dada a tódas as expansões de arte, e vibrando de entusiasmo com a mais apagada demonstração de beleza.

O seu espírito, ávido de sensações, anda sempre à cata de qualquer coisa que lhe dê o arpejo artístico que só escolhe os eleitos que se levantam acima da camada vulgar que tantos seres engloba e pairam lá no alto, à espreita do ideal.

Quem se não lembra d'esses coches aristocráticos onde as belas lisboetas passeavam o seu delicado perfil, e que saíam do deposito de carruagens que Anastácio tinha ali nas Portas de Santo António, exactamente onde hoje se abre o Arcádia?

Eu tive de lá, assim como a saudosa Angela Pinto, um *coupé* aturado, com cocheiro e trintanário de flamantes fardas, que custava cem escudos por mês!

Bons tempos! Hoje nem esse *coupé* pode ser substituído por um simples "palhinha".

E que elegância emprestavam os carros do Anastácio, de fogosos cavalos ricamente ajazezados, à mais in-

Algumas das numerosas campainhas da preciosa coleção



O sr. Anastácio Fernandes — o colecionador de campainhas — com a nossa colaboradora Mercedes Blasco

significante burguesa com pruridos de aristocracia!

A par do seu armazém de coches teve sempre o Anastácio Fernandes a sua casa de móveis antigos em tódas as modalidades dos séculos idos, para satisfazer a sua ânsia inextinguível de sensação artística.

Porque não se imagine que êle acumulava arte só com a mira no ganho. Não. Anastácio gozava com a vista de tão impressionantes provas da habilidade do homem e do seu espírito inventivo. E ainda hoje êle, que já não tem os seus carros e os seus cavalos, destronados pelos mal cheirosos cavalos-motores dos autos, passa algumas horas diárias, embevecido na contemplação dos seus móveis antigos.

A sua residência particular está também recheada de preciosidades, desde a sala D. João V até ao escritório do mais puro estilo império.

Mas, onde a paciência e o gôsto do coleccionador mais fortemente se impõem

à nossa admiração é no grande número de campainhas que se estadeiam em duas bem trabalhadas vitrinas.

Chama logo a atenção uma delas, estilo do tempo de Frederico, o Grande, e provavelmente pertença sua, que em letras gravadas no bojo faz votos pela felicidade do Kaiser.

Figurinhas de saxe, que nos recordam a época galante da Pompadour, ladeiam pesadas campainhas de bronze e ferro, e tódas elas têm um som tão harmonioso e vibrante, que nos traz à memória os *Sinos de Corneville*, e dão-nos vontade de lhes pegar e cantar, como na célebre opereta de Planquette:

*Digue, digue, digue,
Digue, digue, dom,
Toca, toca, toca,
Faz ouvir teu som.*

Recordações notáveis simbolizam três delas: uma, representando um vagabundo agarrado a um pau, foi achada nos escombros da Baixa, por ocasião do terramoto de 1755; outra, representando uma tricana do tempo da Severa, oferecida a Anastácio por esse belo espírito que foi Vicente Arnos; e mais um porco em bronze que ganhou o primeiro prémio na Exposição de Paris, oferta do brilhante poeta Mário Artagão.

Antes da despedida da interessante visita por convite do amável coleccionador de tantas obras de paciência e arte, noto ainda uma cópia minúscula do primeiro sino que se arvorou numa igreja na Califórnia na "Missão" de Riverside, e para lá foi levado por um português.

Anastácio, nunca farto de arte e de beleza, contempla, ainda enlevado como no primeiro dia, o amontoado de preciosidades que são o encanto do seu delicado espírito.

Mercedes Blasco.



A morte imprevista do moço secretário geral da Junta de Educação Nacional, comoveu profundamente os meios intelectuais portugueses e muitas entidades estrangeiras, com as quais Simões Raposo estava, por suas funções, relacionado.

Professor auxiliar da Faculdade de Medicina de Lisboa, honrava êste lugar pelas suas altas capacidades, qualidades pedagógicas e espírito investigador. Desde muito novo distinguira-se por excepcional amôr da ciência e gôsto pelo estudo. Iniciárase, ainda estudante, na investigação

QUEM ERA

O PROFESSOR

SIMÕES RAPOSO

QUE A MORTE LEVOU AOS 36 ANOS

laboratorial e realisára trabalhos, justamente apreciados aqui e no estrangeiro. O seu nome era dos poucos que atravessára as fronteiras e que atestava a colaboração portuguesa no esfôrço universal, por alargar o conhecimento da natureza.

A Embriologia e a Patologia exper-

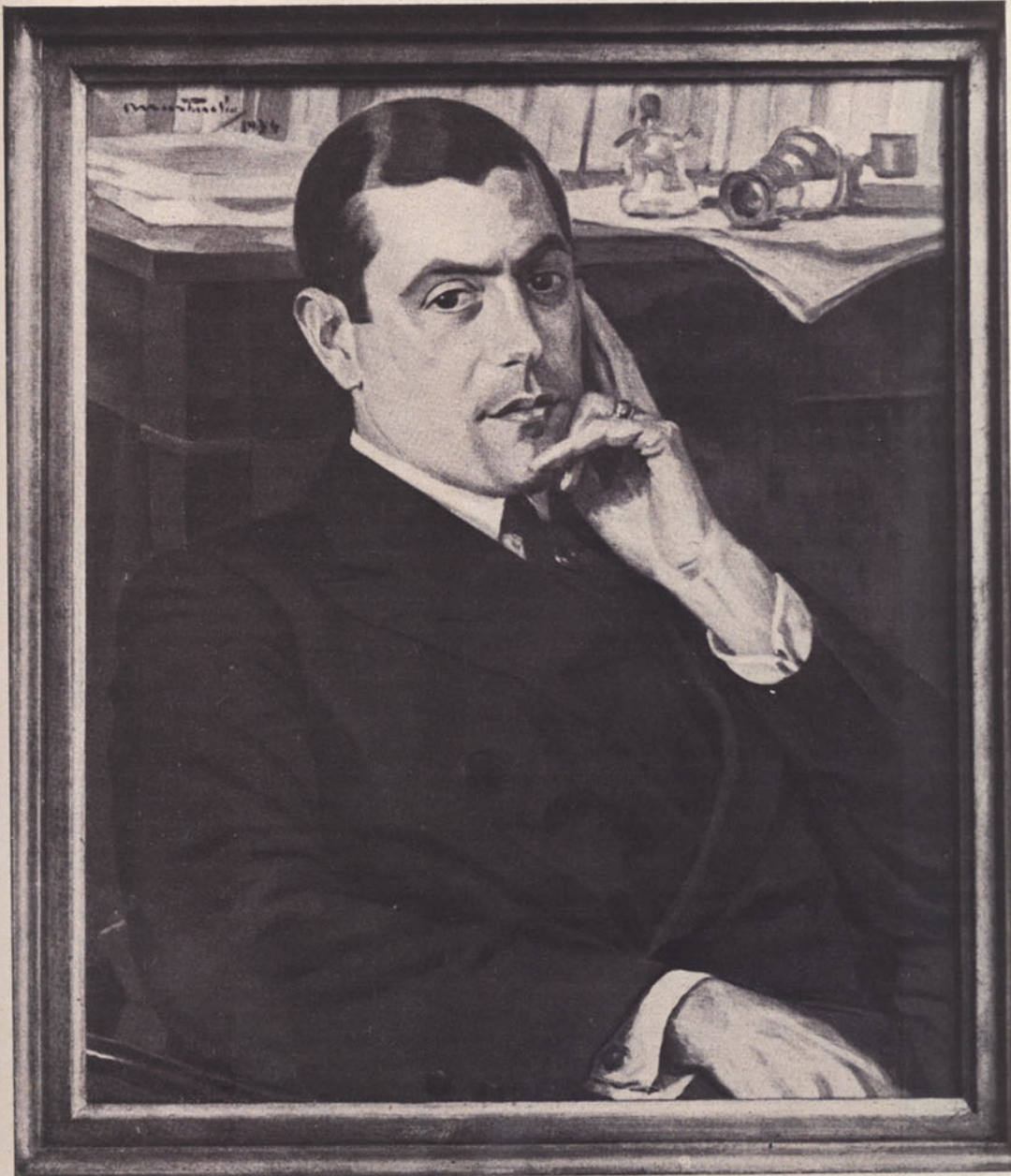
imental, devem-lhe contribuições valiosas. A acção de Simões Raposo na Junta de Educação Nacional, para que fôra nomeado em 1929, era geralmente conhecida. Poucos sabiam, porém, que êle fôra o seu principal criador, como veio a ser o seu grande animador. À sua incansável e inteli-

gente actividade se devem os principais serviços que a Junta tem podido prestar à cultura portuguesa e dos seus esforços ficou o necessário impulso para assegurar a continuidade da grande obra que êle principiou. Entre aqueles serviços destacam-se os que prestou à expansão da língua e da cultura portuguesas no estrangeiro.

Luiz Simões Raposo nascera em Lisboa, em 15 de Abril de 1898. Morreu a 11 de Maio do corrente ano, portanto com 36 anos apenas, deixando a todos os que o conheceram funda saúde por êsse incansável e inteligente trabalhador que ao grande talento e competência com que exerceu as suas funções, juntava a mais generosa bondade.

A. Celestino da Costa.

(Quadro do pintor Martinho da Fonseca)





O edifício da Universidade reflectindo-se no rio Mondego.

(Foto Rasteiro, publicada na «História da Literatura»)

COIMBRA

na romaria da lembrança

TENHO diante de meus olhos, real, vestida de scisma e de verde esmeralda a paisagem botticellina de Coimbra, fundo de painel gótico, mancha extática de retábulo religioso, paisagem de mors-amôr e de tristesa, nos luars argenteos, desmaiados e sobrenaturais, nos apolíneos meios dias, nos crepúsculos onde o sol que tomba sobre as margens do rio tem fundos de Veronezo e diz nas côres morrentes um voluptuoso adeus á alma. Coimbra, a antiga, a que foi saudade, a que andou ao colo dos poetas, dos sonhadores, dos artistas, dos peregrinos da ilusão, a Coimbra que foi a leda madrugada de Camões, que foi a noiva ideal de António Nobre, morreu, tenho a impressão de que se finou no braços da nossa última quimera desfeita.

A Coimbra que hoje é paisagem e ex-voto, a Coimbra que é um brinquedo no regaço da nossa infância, a Coimbra que se fecha na penumbra azul dos crepúsculos em escarlata e tinta, essa não foi a cidade que meus olhos vestiram de perfeição, essa não é a imagem que eu tenho sempre acesa e viva, e eterna, na minha vitrine de saudades. Lembrando aspectos, lembrando paisagens, lembrando pormenores, olhos deslumbrados de cio, corpos esbeltos como arbustos, lembrando capas rôtas, lembrando quartos em desalinho, lembrando tudo que foi alma, que viveu no palco da minha alma — sentindo de novo, viva, real, a paisagem que eu vejo de longe, tenho a impressão de que se desfaz cinza nos meus dedos frios!

Tenho a impressão de que puz um crepe sobre a minha juventude, tenho a impressão de que ha um *requiem* em meu sonho. Margens verdes de rio tranquilo, virgens de velas pândas, êcos de sinos nostálgicos, tricanas ensaiando o corpo

de volúpia, manchas de casario a prumo, aquêl estudante que passa levando abismos nos olhos, tudo o que foi paisagem, tudo o que foi alma, tudo o que a meu lado andou em scisma, em abandono, em sortilegio, em colóquio de sentidos — tudo se sepultou em mim mesmo, tudo tombou no abismo do meu sonho. Ha ainda crepúsculos que vejo de novo, mulheres que vêm á romaria da minha lembrança. saudades que eu arranjo em *bouquet*, mas tudo morreu, sinto que tudo morreu, sinto que a minha mocidade se perdeu nos luars que fôram extase, se embriagou nos crepúsculos que fôram alma saudosa, sinto que a minha infância se perdeu no último ráio de sol que beijou a cabeleira verde dos jardins.

Eu, nós, os que vivemos lá o sonho mais belo da glória, fômos os últimos estudantes, démos as despedidas a Coimbra, a última Coimbra. Nas imagens dos poemas, na missanga rítmica da frase, em tudo, nós pusemos sortilegio e oiro, sonho e enternecimento. Eu perdi noites para vêr Coimbra na luz dealbante e branca das manhãs, senti Coimbra tomar no crepe da noite, enviuar, nesse luto nocturno.

Ha êcos, paisagens, aspectos, manchas, que me perseguem como espectros, que me enchem de mêdo, que me dão um desejo sobrenatural e sortilego de fugir de mim mesmo.

Em tudo a senti, latina, alma de Florença, sanatório para almas doentes, templo pagão para o sentido profano dos corpos que se vestem de ternura e de cio. Para todo o estudante, para toda a alma que em Coimbra viveu, em dois,

em alguns anos da sua mocidade, Coimbra aparece hoje, como um espectro, o espectro da minha, da nossa juventude subjectivada na paisagem enferma, na curva azulinea dos montes, no colorido esmeraldino dos seus jardins.

Alma encantada, Coimbra é um ex-voto de paisagem, é um luar de sempre, é uma tricana com olhos de sacerdotisa virgem, que oficia o seu desejo. Coimbra é um lenço de cantigas, é um lenço de saudades atado ao colo do luar.

Arrastando uma capa rôta, escrevendo uma noite inteira, sobraçando um poema, possuindo uma tricana, namorando a paisagem doente, confortando com os olhos a scisma das noites enlazaradas, em Coimbra todos sômos príncipes sem principado, todos temos na lapela do orgulho uma arquidea de sangue, todos vivemos embalados, acarinhados pela quimera, por êsse fluido arôma, que veste a juventude de exaltação e de enleio. A minha juventude galga séculos, e, como a luz que num instante nascendo, beija fontes escondidas, jardins florindo de arôma, montes azuis, lagos quietos, casais e castelos, oceanos e túmulos — a minha saudade, tem saudade das saudades que outros, mais além, mais longe, tiveram na encantada roca do tempo.

A Rainha Santa, D. Diniz, Camões, Sá de Miranda, Antero, António Nobre, tantos, tantos, sagraram Coimbra, deram-lhe a flôr mais bela da sua vida, a flôr mais bela do jardim da lembrança, a rosa azul, o desejo de ficarem com os seus nomes presos á clausura eterna — e eu sinto, galgando o passado, vindo desde a infância gótica de Coimbra, da Renascença, do Romantismo, do sonho nirvanico de Antero, eu sinto que Coimbra é um jardim de lembranças, que guarda sempre almas semelhantes e irmãs, almas

que se vestiram de sortilégio e de encantamento.

Por mais que eu queira pintar Coimbra, arranjar para a tela da minha lembrança, as melhores tintas, as melhores saudades, Coimbra não se pode pintar, ou, para a podermos pintar, temos que a tornar mítica, helénica, pagã, cheia de símbolo pagão. Guilherme Filipe, pintor, tem um quadro que pinta Coimbra, a última. Junto à margem do rio, ha corpos nus, uma mão que segura uma anfora, a paisagem surpreendida a vida a latejar, de instante a instante, nas tintas sortilégas do painel. E eu vejo o pintor, do meio do rio, com olhos de esmeralda a namorar, a violar a alma pagã da cidade, junto ao rio tranquilo, sem barcos, sem velas pandas...

Oremos por Coimbra; nós fomos os últimos estudantes. Um, dois, começou a debandada e eu vejo, sinto Coimbra, sempre encantada, sempre ao colo do luar. O luar anda a possuir a carne azul da noite, ha uma claridade tão grande, tão sobrenatural na alma, que eu sinto tudo diferente em minha volta, tudo fechado deante do seu desejo peregrino, de correr mundo.

O luar em Coimbra pesava em mim, como um túmulo, hiante, abismal, e o mundo, o mundo-além, cidades, vida, ruído, movimento tudo era desejo de cerrar as pálpebras, de sonhar a vida inteira como no soneto de Santo Antero.

Tive horas de abstração, de isolamento, de saudade, uma saudade sem forma e sem nome, tão grandes, tive horas tão cheias de abismo e de elevação, que andava sonâmbulo dentro de mim mesmo, e sentia a minha alma toda vestida de tristeza.

Nessas noites, só, alheado, vendo a cidade a scismar tão triste, é que eu senti que a minha Coimbra, a Coimbra dos meus sentidos, era a última, a mais diferente de todas. Nessas horas é que eu queria então todo o mundo para o meu sonho, queria todo o mundo para palco do meu drama sem fim e sem nome.

A lareira da mocidade morreu, sinto-a morrer, em chamas azuladas, moribundas. Agora surge a vida que é o reverso do sonho mais belo e mais juvenil.

Começou a debandada, agora Coimbra para nós é um jardim ao crepúsculo todo cheio de flores emurchecidas; apanhar essas fôlhas é resar em saudade a sua alma de sempre, encantada, cheia de sortilégas paisagem e de beleza paganiíssima. Na eterna mutação do tempo, tudo sucumbe, ás almas mais eleitas outras almas se sucedem. Na missa profana da minha lembrança, eu quero reviver Coimbra, andar com ela em saudoso colóquio, e lembrar crepúsculos, aspectos, manhãs de Via Latina, os Gerais com o sol ao alto, no decote azul e branco da manhã, essas manhãs de sol outonal que em Coimbra tem um arranjo cénico de artista decorador, e, quando vista do alto, a cidade, se esbate nos montes todos agasalhados no azul-esmeralda do horizonte.

Aqui e além, dispersos, poetas, doutores, artistas, desiludidos, mimados pela vida, vítimas da vida, começa agora a subir-se a encosta rude e agreste do egoísmo, o sonho começa a perecer, a tremeluzir e sente-se que outra vida ha-de nascer mais victoriosa e mais humana.

Nas suas colinas verdes, nos seios dos montes, na água do Mondego, a cidade de D. Inês, a cidade da Rainha Santa, espera a primavera para o milagre das flôres. Outros olhos mais mûços hão de ver a cidade coroar-se de flôres, como um jardim se corôa de vício e o mar junto ás praias, se corôa de espuma em renda.

A nossa primavera de estudantes do Estudo Geral de El-rei D. Diniz já morreu e eu sinto *never more, never more* sobre a minha juventude pagã; sinto que Coimbra morreu nos braços do desencantamento, sinto que alguém anda a rondar em volta da minha quimera, sinto a vida a bater imperiosamente á porta da minha alma.

Os últimos abencerragens do seu espirito, da sua perturbação helénica e religiosa, dispersaram levados pela rude lufada da realidade. Olho o passado morto, olho o além, ponho a alma em murmúrio e sinto, num sortilégio, que não tenho

saudades de Coimbra, de Coimbra-a-última, da que está egoistamente e irmãmente mais perto da nossa juventude. Tenho apenas saudades de mim mesmo, quando menino e moço, como na novela de Bernardim, saf de casa de meus pais...

A Coimbra dos jardins vestidos de verde, a Coimbra dos chorões tombantes, a Coimbra das fontes e dos crepúsculos escarlates e de bruma, a Coimbra da lenda e das primaveras botticelinas morreu para a geração que a abandonou que findou os seus cursos, agora só resta lembrá-la, trazê-la ao colo da memória.

Do rio Mondego a paisagem é um fundo de painel florentino e tem longes de Veronezo e bruma, de neblina e azul desmaiado. Do Pio a paisagem é um fundo de vitral e a cidade um sonho gótico, que os nossos olhos sonham acordados e quiméricos. Da encosta do Hospital e das suas varandas hirtas, todo o panorama se estende num fundo de cenário incomparável — em branco e verde, num diptico de desmaio e de esperança, até se azular todo sobre os carapuços verdes dos montes da Lousã, à esquerda. E' Monte Arroio, é a Cumeada, são as montanhas da Lousã com a sua touca azul-forte, esfumando-se, desmaiando nos longes, tendo gradações de neblina e gase, de fluido e extase, até caírem no além do horizonte, abismo de côr indefinida. De Santa Clara, do Seminário, da varanda da Universidade, Coimbra é sempre a cidade que dorme, a cidade antiga, ex-voto de pedra que puzessem sobre um tapete esmeraldino onde o silêncio diz a sua profana missa, onde tudo se extasia em ternura saudosa e a música dos longes e das coisas adormece ledamente os sentidos no encantamento da paisagem, dum verde que parece sobrenatural, onde os nascentes tem um dilúvio de oiro, onde os meios dias são alacres como gritos de sol, onde as tardes são ditirambos à luz e onde os crepúsculos, em funda resa, tombam sobre os seios dormentes dos montes, sobre a paz bucólica dos vales, sobre a serenidade quieta do burgo, sobre a revolta cabeleira verde dos jardins.

Correia da Costa.

A velha cidade universitária vista do ar

(Foto do major-aviador Pinheiro Correia)





O panorama dum grande pórtio como o de Lisboa, com seus cais animados e florestas inextricáveis de mastros, evoca no espírito, com irresistível sugestão, a imagem de longas e escuras raízes dum flôr monstruosa que é a cidade, mergulhadas na água em busca dos elementos nutritivos indispensáveis à vida da planta.

Há cidades que vivem longe do mar ou dos rios, como há ervas que se sustentam milagrosamente sem água e tiram

apenas do ar o que lhes é necessário para viver. Mas é junto à água que a vegetação é mais densa e luxuriante, que as cidades são mais vastas e opulentas.

À primeira vista, um pórtio, com sua rede de docas, muralhas e cais, não é a parte mais bela dum cidade, como a raiz não é a parte mais formosa da planta. Mas tem, à semelhança desta, o encanto dum vida intensa, dum actividade inesgotável e útil. E revelará a quem o perscrutar, com olhos de artista, belezas ignoradas e suaves.

Alguns quilómetros atrás o rio salta ainda descuidado as represas, ocupado apenas em acariciar na passagem salgueiros e choupos e em rolar seixos pelas margens verdejantes.

Mais adiante a corrente avoluma-se. As águas começam a abrir-se ao sulco das quilhas dos barcos. O rio familiariza-se com o homem.

Ao aproximar-se da urbe, o rio deixa-se contaminar pela civilização. As suas águas, que se tornaram escuras e lodosas, espraiam-se mais, retardando a marcha, e carregam já um número maior de embarcações.

Vem por fim o pórtio. E aí, o rio colabora decididamente com o homem. Infiltra-se pelos canais e docas, bate mansamente nas muralhas, e as suas correntes líquidas abrem-se dócilmente à pas-

RAIZES, CIDADE

Aspectos e pitoresco e beza

da vida dum grde porto de mar

sagem das quilhas de gigantescos vapores, mas a situação geográfica excepcional em que se êle balaíça com amizade, habituado já ao encontro continua a assegurar-lhe lugar improvívio dos homens e à admiração pela sua audiente entre os grandes portos do mundo.

E a cidade, que mergulha no rio as raízes. Apesar do seu incompreensível afastamento do curas dos seus cais, suga nêle uma parte cõrio, o lisboeta conhece e aprecia a fisionomia dederável do seu sustento. Barcos de pescadãersa e animada do seu porto. Para a mocidade, trazem ali o seu peixe, arrancado às ondas num especial, êle é um dos lugares predilectos de luta difícil. Navios, procedentes de todos osvasão. Quem há por aí que nos seus tempos de cantos do mundo vêm depõr junto aos cais trapaz não tenha furtado uma tarde ao cumprimento é necessário à satisfação das necessidmento de deveres fastidiosos para ir passear para que a civilização criou. As vagas, que se repes docas?

tem já domadas de encontro às muralhas, ofere. Esta preferência justifica-se. É que no seu conno seu dorso um meio fácil de comunicação. Sinto de aspectos variados os cais e docas dum as águas, revoltas e sombrias, do pórtio perigrande porto oferecem um espectáculo de incomintenso e produtivo, o tráfego marítimo do mparável pitoresco.

moderno. Há portos que têm um passado brilhante e epleta-a. Ao revolêr incessante das águas opõe-se rioso. O de Lisboa é um dêles. Sôbre a sua sua muralha linear e uniforme. O horizonte confuso ficie líquida, que o Sol mancha de côres rãpe, à tarde, o Sol pinta de tons violáceos, convogaram, há quatro séculos, as caravelas e trasta com as silhuetas erectas e rígidas dos guinque partiam à conquista da Terra. Teve depodastes que estendem no ar o braço possante. Na seu período áureo, abatida a supremacia de água parada das docas dormitam barcos de fórmaz neza. Era então o empório mundial, por cvariadas. Os seus mastros erguem-se para o céu e lência. Aqui vinham aportar as naves que trazíãormam com o cordeame uma rede intrincada que dos mais remotos cantos do glôbo, as espelembra vegetações monstruosas.

rias, os tecidos delicados, as pedrarias raras e Ao largo, uma fragata, com as velas retezadas pelo sopro do vento, desliza sem esforço e o seu

Os tempos passaram e o seu poderio declinulto airoso e ligeiro deminue com a distância.



Na bruma da tarde, a silhueta dum tranatlântico que manobra para acostar toma proporções fantásticas.

Nas horas em que o labor do porto é mais intenso, ergue-se no espaço a canção barbara do trabalho, composta dos ruídos mais diversos, dominada aqui e além pelo ronco poderoso dos grandes paquetes ou pelo silvo estrídulo dum rebocador.

A' medida que a tarde cai, os ruídos esmorecem, as sombras alongam-se e refletem-se trementes na água eternamente irrequieta. O Sol, inchado e vermelho, desaparece na linha indistinta do horizonte. Pelos navios ancorados tremulam luzes que rebrilham em linhas sinuosas de fogo na superfície escura das ondas.

Mas além destes aspectos pitorescos, outro factor acresce ainda a poesia dum porto de mar: É que para lá da linha brumosa onde o Sol baixa, e os navios se transformam num ponto escuro que acaba por desaparecer, existem outros continentes, raças e línguas estranhas, um mundo novo por onde apetece viajar. E o português, que, como nenhum outro povo, sente o nostalgia do desconhecido, gosta de se entregar ao prazer melancólico de perscrutar o horizonte, que talvez nunca chegue a ul-

trapassar, e de povoar as regiões, que para além dele se estendem com as imagens brilhantes geradas seu espírito de meridional.

Está nisto tudo, a beleza quási mística dum grande porto de mar. E se alguém dela duvidasse restar-nos-iam como argumentos as fotografias de Horácio Novais que ilustram êste artigo, e que, melhor que as palavras, descrevem alguns aspectos da vida laboriosa do porto de Lisboa.

Manuel L. Rodrigues.





Mickey e o seu criador, o artista Walt Disney

América, onde dizem existir 800 clubes de admiradores seus que reúnem cerca de um milhão de filiados. À semelhança de Charlot, com quem se poderia estabelecer um longo paralelo, Mickey não fala e é, portanto, universal. Daí o ser conhecido nos mais variados pontos do Glóbo, na Alemanha pelo nome de Mickey Maus, na França por Michel Souris, na Espanha por Miguel Ratoncito ou Miguel Pesicote, na Itália por Michele Jopolino, na Grécia por Mikel Mus e no Japão por Miki Kuchi. Em Portugal é e

A maior descoberta até hoje realizada em matéria de arte cinematográfica é sem dúvida a dos desenhos animados. Por ela conquistou o "écran", um modo novo de expressão, o mais fluido e plástico de quantos se conhecem.

Nesse mundo fantasmagórico feito de traços lineares, a que a fantasia do desenhador dá vida, a arte evade-se de todas as convenções da lógica e dos limites acanhados da matéria. Tudo ali se move, se mistura, se desagrega, se transforma, numa indiferença total pelos velhos postulados metafísicos, pelo princípio da causalidade e pela lei da gravitação.

E porque é assim, nos desenhos animados o inesperado surge a cada passo, reveste os aspectos mais invulgares, os prodígios sucedem aos prodígios e de tudo isso resulta o riso que, — pretendem alguns filósofos — é a reacção humana ante o imprevisível quando este não traz consigo conseqüências funestas.

Nestas condições a excepcional popularidade dessas pequenas obras primas, verdadeiros contos de fadas para adultos, é perfeitamente explicável. Não só elas proporcionam um espectáculo alegre como representam um meio ideal de evasão, espécie de válvula de segurança que nos ajuda a manter o equilíbrio entre o mundo interior de fantasias impossíveis e o outro, antagónico e limitado, das realidades presentes.

Dentro do cinema, os desenhos animados constituem uma arte independente. Como tal têm as suas "estrelas", seres fabulosos que vivem aventuras absurdas, mas que a despeito da sua irrealdade o público conhece e admira. E destes imaginários actores o mais célebre é o Rato Mickey.

Mickey é uma figura querida em todo o mundo. A sua fama não se limita à

ficar sendo conhecido por o Rato Mickey, dada a relutância que manifestamos em adaptar as designações estrangeiras à nossa língua, única razão que pode ter levado a pôr de parte o nome simpático de o Rato Miguel.

A vitória incontestada do Rato Mickey sobre tantos

dos seus concorrentes deve-se, em grande parte, às excepcionais faculdades do seu criador Walt Disney. Mas deve acrescentar-se que esse êxito foi favorecido por circunstâncias específicas do próprio desenho por ele criado. O rato é, de facto, um animal que reúne as características mais indicadas para o fim em vista. Fraco, sempre em luta com inimigos muito mais poderosos, forçoso lhe é suprir pela astúcia a sua inferioridade física. Habitado ao convívio do homem, os seus costumes adquiriram certa humanidade. É possível que Walt Disney ao lançar pela primeira vez no papel o seu famoso desenho, não tivesse avaliado todas estas circunstâncias propícias. Mas é incontestável que beneficiou delas.

De resto, a preferência de Walt Disney pelo rato teve motivos que ele de boa vontade revela. Em 1920, o criador de Mickey ganhava a sua vida como desenhador de publicidade numa empresa comercial. Trabalhava de noite e frequentes vezes ouvia o ruído dos ratos que procuravam afa-

CINEMA O RATOMICKEY

artista de primeira categoria do mundo dos desenhos animados

nosamente entre os papéis do escritório os restos dos lanches dos empregados. Mal prevendo o que o futuro lhe reservava, Walt Disney começou a interessar-se pelos pequenos roedores. Consegiu capturar alguns, chegou a reunir

para a Califórnia acompanhado por seu irmão Roy. Foi este que assumiu a direcção financeira dos empreendimentos.

Os primeiros tempos foram difíceis. Era preciso vencer toda a espécie de dificuldades. Surgiu então o Coelho Os-

gável, dotado dum superior espírito de organização, o desenhador conseguiu aperfeiçoar os seus métodos de trabalho e os dos seus colaboradores de molde a reduzir ao mínimo o labor exaustivo que representa a ordenação de seis a oito mil desenhos diferentes por cada película.

Tôdas as dificuldades pareciam vencidas, quando o aparecimento do fonocinema veio criar novas exigências no público e pôr, ante os produtores dos filmes de desenhos animados, outros obstáculos ainda mais terríveis. A sonorização dum filme desse género representa, na verdade, uma soma de trabalho incalculável. Pode dizer-se que o som e as imagens, antes de serem conjugados, têm de ser reduzidos a abstracções matemáticas de modo que a sua coincidência seja perfeita.

Por outro lado, havia um mundo de sons e ruídos a explorar. Nas regiões maravilhosas dos desenhos animados é forçoso que tudo tenha o mesmo carácter de fantasia cómica e absurdo grotesco. O som não podia fugir a este princípio. E o leitor sabe, decerto, como nos filmes do Rato Mickey êle surge estranho e irreal, subordinado ao ritmo inconfundível das imagens.

Mas Walt Disney não limitou a sua actividade a esta criação que bastaria para o celebrar em todo o mundo. Imaginou também as suas conhecidas "Sinfonias loucas", obras primas de espírito e harmonia. Como se não fôsse bastante ainda introduziu as cores nos seus

desenhos e obteve assim os mais admiráveis efeitos. As suas últimas produções, quasi todas baseadas nas lendas infantis da Inglaterra, oferecem sob todos os pontos de vista, um conjunto de perfeições que as faz julgar insuperáveis. Mas Walt Disney pertence ao número dos homens que nunca desistem de se exceder a si próprios. E cada novo filme seu reserva-nos uma surpresa.

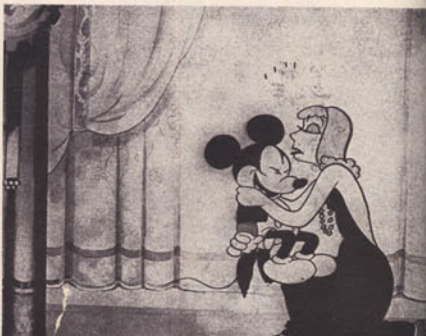


A singular aventura do cão que ajudava Mickey a praticar as suas enfiadas proezas...

doze numa gaiola e dedicou-se à tarefa de os domesticar. Um deles, em especial, mostrou-se tão dócil que passeava sobre a prancheta enquanto êle desenhava. Foi assim que começou a familiarizar-se com os hábitos do curioso animal.

Entretanto, à força de economias, Walt Disney conseguiu reunir um pequeno capital que empregou na produção de desenhos animados, arte que já há muito o tentava. Mas os negócios correram mal e com os 40 dólares que lhe restavam, Walt decidiu partir

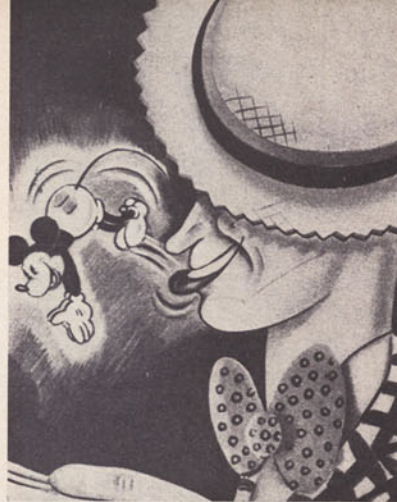
Mickey sonha que é beijado pela divina Greta Garbo...



... e acabou por engulir a lâmpada eléctrica transformando-se numa imagem de ratos X

por satisfeito. O coelho parecia-lhe animal pouco expressivo. E foi então que, recordando velhas simpatias, lhe ocorreu a ideia de criar um rato, animal sagaz e simpaticamente débil. Em 1928, o novo personagem exhibia-se pela primeira vez no cinema.

A estreia foi modesta mas o público acentuou tanto a sua predilecção por esse imaginário artista, que a empresa de Walt Disney se desenvolveu rapidamente. Trabalhador infati-



O enfiado ratinho não hesita em fazer trampolim do lábio do seu coisga Chevrolet

Entretanto, Mickey, animado pelos colaboradores do seu progenitor, continua uma carreira sensacional. A garage devoluta, onde pela primeira vez surgiu na superfície branca do papel, transformou-se num vasto estúdio, aparelhado com material moderníssimo, onde um exército de desenhadores repete infatigavelmente a imagem célebre.

É da racionalização do esforço que depende, em grande parte, o êxito desses pequenos filmes, e assim, os seus produtores defendem-se da concorrência ocultando certas fases técnicas do seu trabalho. Por esse motivo, pouco se pode dizer sobre a elaboração dessas películas cujos dez minutos de projecção representam o produto duma actividade enorme. Em todo o caso, sabe-se que os desenhos são em geral feitos sobre celuloide, a fim de ser aproveitada uma imagem para outra que lhe suceda, apagando-se apenas os pontos do desenho em que deve haver movimento.

O orçamento de Walt Disney para o ano corrente prevê 31 filmes, dum custo total de 160.000 libras. Por aqui se vê a extensão que a iniciativa modesta dos dois irmãos, Walt e Roy, adquiriu em pouco mais de seis anos.

Deve no entanto reconhecer-se que para esta prosperidade muito contribuíram as boas qualidades do Rato Mickey. Todos os produtores americanos invejam, de facto, a sorte de Walt Disney que trabalha tranquilo sem ter de discutir aumentos de salários com os intérpretes dos seus filmes. Porque, creiam ou não, o simpático ratinho, a despeito da sua fama crescente, recolhe todos os dias ao tinteiro tão dócilmente como da primeira vez que de lá saiu. E dizem que, estes exemplos de modéstia são raríssimos lá por Hollywood.



A POESIA PORTUGUESA



Santo António

*A Maria é a mais louçã
Das mōças da sua aldeia:
Tem o frescor da manhã
E a alvura da lua cheia.*

*Que graça tem os seus olhos
Tão buliçosos, tão pretos!
Que linda a saia de folhos
A beijar-lhe os pés inquietos!*

*As suas frescas risadas
Têm um som de prata fina.
Guarda a luz das madrugada
Sua bôca pequenina.*

*O seu conjunto é perfeito
Mas há tempo — que seria? —
Que o coração no seu peito
Não socega noite e dia!*

*E que a caminho da fonte,
Num dia de claridade,
Deu com o Toino da Ponte
Vindo há pouco da cidade.*

*Maria, quando escutou
Seu amor de maravilha,
De alegria as mãos juntou
E... deixou cair a bilha.*

*Desde então, junto aos relvados
Da fonte sonôra e fria,
Vão falar dois conversados:
O Toino e mais a Maria.*

*Ouve-os a lua encantada
Num enlêvo e brilha... brilha...
Beija o Toino a namorada
Que, ao fugir-lhe, parte a bilha.*

*Mais leve que o seu desejo
Vai o tempo de corrida:
Cada dia mais um beijo
E uma bilha mais, partida.*

*Depois a Maria chora
As suas bilhas quebradas:
"Meu bom Santo António, im-
[plora.
Ponde-mas já concertadas!"*

*O milagre rotineiro
A aldeã suplica em vão,
Que o santo não é oleiro,
Mas vêde; em compensação,*

*Ao vêr o enfeitamento
Do amor que os unia,
Fez depressa o casamento
Do Toino e mais da Maria*

Virginia Mota Cardoso.

(Do livro «Rosal em flor»)



D. Virginia Mota
Cardoso



A poetisa D. He-
loisa Cid



A poetisa D. Nita
Lupi

(Do livro «Lago
Azul»)

VARINA

*COMO é bonita aquela rapariga
que grita num pregão sereno e forte,
tão coleante e loira como a espiga
embalada, de tarde, ao vento norte! ...*

*Como é bonita aquela rapariga!
Deixa na rua o sensual recorte
duma onda ligeira ... E sob a giga
tem mais ternura a graça do seu porte.*

*A sua voz, monotona, arrastada,
traz, no entanto, um grito d'alvorada
que na poesia do meu ser estua!*

*E, na faina do dia moirejando,
ela talvez nem saiba que vai dando
tanta luz, tanto sol a esta rua ...*

LAGO AZUL

*SILÊNCIO. Hora de sonho, hora sagrada
S' hora de tôdas as evocações!
Cresce p'ra mim a noite, imaginada
ante-visão de tôdas as visões ...*

*Meus olhos veem longe ... Iluminada
a Terra resplandece entre clarões.
Um choro d'água, numa voz magoada,
traz á noite o embalo das canções.*

*Coalhado de estrêlas, na paisagem,
um lago azul de transparente calma
é o espelho sereno do Luar.*

*Foi nêsse lago, vendo a minha imagem,
que eu senti o mistério da minh'alma:
— uma estrêla entre sombras, a errar ...*

Nita Lupi.

Várias quadras

*Às vezes penso comigo:
Deus castiga quem pecou.
Foi teu amor o castigo
Com que Deus me castigou*

*Ter saudades é morrer
Por alguém de nós ausente;
É chorar todo o passado
É sofrer todo o presente.*

*Quando um amor acabou,
Reatá-lo é ser bem louco:
Do fogo a cinza ficou,
Mas a cinza aquece pouco ...*

*Quizera ser a tristeza
Que vejo no teu olhar:
Para assim ter a certeza
De nunca mais te deixar ...*

*Tu só me dizes mentiras,
Só mentiras me tens dito.
É certo, mas ... quando falas
Não sei porquê, acredito.*

*Eu não te posso acusar:
A culpada fui só eu,
Que quiz ver no teu olhar
Um pedacito do céu ...*

*Dizes-me sempre a ralhár
Que não tenho coração.
Pois se tu já mo roubaste,
A culpa foi do ladrão ...*

*Eu digo, mas é mentira:
Sempre me fôste indifrente...
— É que nem sempre se diz
Tudo aquilo que se sente. —*

*Fico triste, muito triste,
Quando estás para chegar:
É que na partida existe
A partida, o regressar ...*

*As mentiras, afinal,
É que nos tornam felizes.
Por isso não quero mal
As mentiras que tu dizes ...*

*Todos dizem ser a morte
Que na vida põe um fim...
A morte já te levou
E tu vives para mim!*

*Apontas sempre, a trocar,
Essa mulher que pecou:
Não és capaz de apontar
O homem que lhe ensinou ...*

Heloisa Cid.

(Do livro «Sinfonia Incompleta»)



EM CIMA: O «onze» do «Sporting» que conquistou o título de campeão de Portugal

AO LADO E EM BAIXO, À ESQUERDA: Duas fases da «final», vendo-se em ambas o avançado Soeiro que marcou as quatro bolas do seu grupo

EM BAIXO, À DIREITA: A equipa do «Barreirense» que defrontou o «Sporting»



O "Sporting Club de Portugal" campeão nacional de "foot-ball"





O general von Schleicher assassinado quando dos acontecimentos

tâncias particularmente trágicas. A primeira versão posta a correr sobre a tragédia é completamente inverosímil. Segundo ela o general teria oposto resistência desesperada aos seus captores, pelo que estes se viram obrigados a fazer fôgo, alvejando-o mortalmente. Sua esposa, que se interpusera, foi também vítima das balas.

Tratando-se dum militar valoroso e disciplinado o caso mostra-se, logo à primeira vista, absurdo. Mais digna de crédito se nos afigura, por isso, a versão que atribui o crime a dois nazis que conseguiram ser admitidos à presença do general e que friamente o executaram. Uma sobrinha de Schleicher, que assistiu à horrorosa cena, sofreu forte comoção cerebral que a privou do uso da razão.

Röhm foi suprimido pelo mesmo processo sumário. Os seus captores convidaram-no a suicidar-se para escapar à afronta de ser fuzilado. Mas o chefe supremo das Secções de Assalto recusou o que considerava uma cobardia e preferiu cair ante as balas do pelotão executor. Vários chefes nazis sofreram a mesma sorte. Outros preferiram suicidar-se, para fugir à vingança implacável do "Fuehrer".

Mas se é verdade que se conhecem muitos pormenores sobre o aspecto exterior da tragédia, os verdadeiros motivos que lhe deram

No princípio do mês corrente, a opinião mundial recebeu com emoção a notícia de que fora descoberta na Alemanha uma conjura que o chanceler Hitler fizera abortar por processos de inaudita violência. Diversas figuras em destaque na política nazi foram, no decurso dessas três jornadas sangrentas, suprimidas com uma presteza que não tem paralelo na história dos nossos dias. Algumas dessas execuções revestiram aspectos bárbaros que fizeram estremecer de horror o mundo inteiro. A imprensa de todos os países verberou em termos violentos a monstruosa chacina. Para avaliar bem a repulsa causada pela violenta repressão basta dizer que o ponderado órgão inglês "The Times", não hesitou em afirmar que o Estado nazi se servia de processos dos "gangsters".

Entre os executados figuram o general von Schleicher, herói da Grande Guerra, companheiro de armas de Hindenburg com quem colaborou na campanha vitoriosa contra os russos; o capitão Röhm, chefe do Estado Maior das Secções de Assalto; Gregor Stra-ser, antigo lugar-tenente e amigo íntimo de Hitler; dr. Klausener, chefe da Acção Católica; e diversos chefes das tropas de assalto. Von Schleicher foi morto em circuns-



O capitão Röhm e os chefes Heines e Ernst que foram fuzilados

origem continuam na sombra. Segundo os comunicados oficiais, Hitler teve conhecimento de que se fomentava uma revolta. A ser verdade, occorre perguntar: Quais os objectivos dessa conspiração?

Falou-se a princípio, vagamente, numa tentativa de restauração dos Hohenzollern. Von Schleicher, fiel ao seu imperador sob cujas ordens combatiera, seria o animador da conjura. Mas, neste caso, tornava-se inexplicável a intervenção de Röhm e dos restantes chefes das Secções de Assalto, cujo programa radical afastava toda a ideia dum colaboração com os monárquicos. Falou-se também num movimento de carácter extremista, levado a efeito pelos elementos da esquerda do Partido nazi. Mas como explicar então

Um recente fotografia de von Schleicher, acompanhado de sua mulher, também assassinada



DEPURAÇÃO SANGRENTO

A chacina hitleriana e as razões políticas que lhe deram origem

a cumplicidade de von Schleicher, velho militar de tendências bem conservadoras?

Surgiu ainda, com carácter oficial, a afirmação de que o general von Schleicher contava, para a execução dos seus planos, com a ajuda dum potência estrangeira. Que potência era essa? A França? A Rússia?

Uma e outra parecem dever ser postas fóra de causa. É preciso recordar mais uma vez a personalidade do assassinado, os serviços por ele prestados à sua pátria, para compreender que ambas as hipóteses são inadmissíveis. Von Schleicher não buscaria apoio nos comunistas, do qual o separavam credos políticos opostos, nem tão pouco entre os franceses, seus inimigos de ontem e de sempre. Com esta afirmação houve apenas em mira excitar o espírito patriótico do povo alemão, levando-a a aceitar como justa a chacina. Não se limitaram, pois, os dirigentes dessa política sangrenta a riscar von Schleicher do número dos vivos. Quiseram enlamear também a sua memória.

Dêste conjunto de factos contraditórios pode talvez tirar-se uma conclusão: a de que não existia conjura alguma, dado que não é aceitável a hipótese dum acção conjunta entre elementos tão afastados.

Como se justificam, portanto, as execuções?

Chegamos aqui ao ponto essencial da questão. Apesar do silêncio da Imprensa nazi, é facto averiguado que o descontentamento aumenta de dia para dia

nas fileiras do nacional-socialismo. E a razão é simples. A doutrina nazi assenta em bases que se contradizem. O seu equilíbrio é portanto instável.

Por um lado, oferece um programa de realizações revolucionárias, tais como a socialização dos Bancos e da indústria pesada. Por outro, apoia-se na plutocracia que imprime ao Estado nazi características eminentemente conservadoras. Estes dois princípios, postos em aparente concordância por uma mística do patriotismo, tinham de entrar em choque tarde ou cedo.

Como era de prever, o Partido nazi



O capitão Röhm passando revista às Forças de Assalto

não pôde executar a parte revolucionária do seu programa. Daí o descontentamento das massas em que se apoiou para tomar o poder. Röhm e os outros chefes das tropas de assalto personificavam esse descontentamento? Parece-nos muito possível, sem que daí se deva forçosamente concluir que preparavam uma revolta.

Além disso, as forças de assalto, com os seus efectivos de três milhões de homens, representavam, no momento de grave crise que a Alemanha atravessa, uma solução efémera para o problema aterrador do desemprego. Mas constituíam também um encargo pesadíssimo para o Estado e uma enorme força de produção estagnada. A sua supressão estava, portanto, nos planos do governo.

Por seu lado, a Reichswehr apoiava esse propósito governamental, visto a existência de formações militarizadas constituir o principal obstáculo levantado pelas potencias estrangeiras ao aumento dos seus efectivos.

O primeiro passo para a dissolução das forças de assalto consistiu no licenciamento dum grande número de milicianos. Esta medida fez aumentar o descontentamento. Hitler viu o perigo que corria e resolveu tentar um golpe de audácia — de cephar a cabeça da organização rebelde. Um organismo acéfalo seria mais fácil de submeter à obediência. Os trágicos acontecimentos foram a consequência lógica deste raciocínio.

Nesse momento terrível, Hitler não se esqueceu de que von Schleicher era um dos mais fortes adversários pelo prestígio de que gozava. Outra explicação não se descortina facilmente para o assassinio do general.

Para levar a efeito este golpe de força, Hitler apoiou-se na Reichswehr que, embora pouco afecta ao ditador, consentiu em cooperar com ele na medida em que isso servia os seus interesses. Mas essa atitude, imposta a Hitler pela força de circunstâncias, criou-lhe uma situação difícil. De então para cá, o ditador nazi ficou à mercê do Exercito, única força organizada que o mantem no Poder. Não é significativo a este respeito o facto, que nunca foi desmentido, de ter o general Fritsch, chefe do Estado Maior da Reichswehr, imposto a suspensão dos fuzilamentos sob ameaça de prisão para o próprio "Fuehrer".

Por quanto tempo consentirá a Reichswehr que Hitler continue à frente dos destinos do país? Eis a incógnita da política alemã.

O que é fóra de dúvida é que se apoio desta lhe faltar, Hitler cairá irremediavelmente. Não terá já para o sustentar no Poder a força que ali o ergueu e cujos sentimentos, após a morte dos seus chefes e o desmoronar das suas esperanças em matéria de reforma social, são hoje bem duvidosos.

No meio desta confusão, destaca-se uma figura que tem qualquer coisa de esfíngica — a do vice-chanceler von Papen. Qual foi a sua posição durante estes sombrios acontecimentos? É difícil dizê-lo. Hitler recebeu-o e a prova disso é que o deteve algum tempo na sua residência.

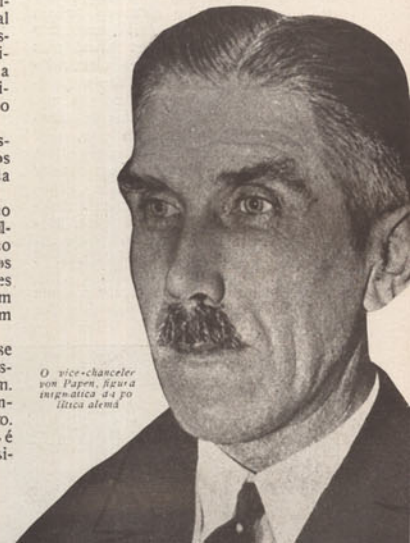


O chanceler Hitler, mandatório da chacina

Mas von Papen dispõe de fortes pontos de apoio. Diz-se, por exemplo, que Hindenburg tencionava indicá-lo no seu testamento ao povo alemão como seu sucessor. A amizade entre o velho marechal e o vice-chanceler é bem conhecida. Não faltam, tão pouco, a von Papen motivos para odiar Hitler. As divergências entre os dois políticos são bem evidentes e a censura imposta a parte do seu recente discurso de Magdburgo é prova incontestável disso.

Que fim persegue von Papen, submetendo-se a todas as decisões dum homem cujos princípios, quer religiosos quer políticos, estão em litígio com os seus? Que propósitos o levam a colaborar numa obra com a qual se encontra em evidente discordância?

Espera, talvez, a sua hora e ninguém pode prever quando ela chegará.



O vice-chanceler von Papen, figura intrigante da política alemã



As raparigas do Asilo José Estêvão arrefriam garbosamente em consciência

Os progressos manifestados dia a dia pela prática regular da educação física infantil, exteriorizados em espectáculos de significativa importância, tem chamado a atenção pública para esse importante problema nacional, um dos que mais interessa ao futuro da raça.

A evolução do desporto fez-se em Portugal independente e mais rápida do que a da educação física, considerada esta pela mocidade como uma aborrecida imposição, à qual por todos os modos procurava esquivar-se.

A grande maioria da população desportiva do nosso País, pela força deste erro de conceito, não tem a preparação inicial imprescindível para a boa prática dos desportos. Recentemente ainda disto tivemos demonstração eloquente nas paradas desportivas organizadas em Lisboa.

Quem observasse com olhos de ver, como escreveu a tal respeito o professor Anibal Pinheiro, essa massa compacta, essa cadeia ininterrupta dos componentes dos clubes, constataria que, apesar da cuidada selecção que se havia de ter dado, muitos dentre eles não tinham compleição física que os classificasse como atletas; e mais notoria as dificuldades financeiras com que algumas colectividades lutam para dar aos seus representantes aquela apresentação condigna que deveriam exhibir num certame de semelhante natureza. Quer num caso, quer noutro, a culpa é apenas da falta dum organização da educação física escolar eficiente e da falta de auxílio às colectividades que bem o mereçam pela dedicação à causa da educação física, procurando com o seu trabalho formar um povo fisicamente forte e robusto, de sã moral e inteligência esclarecida.

A preparação de que carece a gente portuguesa deve ser feita pela ginástica

educativa ou pedagógica nas escolas, desde os jardins da infância até às universidades, e na vida post-escolar nas colectividades desportivas onde se não deveria permitir a prática dos desportos senão a aqueles que um exame rigoroso reconhecesse aptos, e só depois de cultivarem a ginástica elemental.

Este critério, tão a propósito formulado por um dos mais distintos professores de educação física, tem sido defendido e propagado nos últimos anos com louvável insistência por vários técnicos categorizados, remando contra a maré forte de processos fantasistas que ameaçam deturpar por completo o pouco que oficialmente se estabeleceu em prol da educação física escolar.

Duas organizações, — uma de carácter oficial, outra de iniciativa particular, — são neste campo dignas do mais incondicional aplauso pela obra que estão realizando no meio infantil mais necessitado de amparo e fiscalização.

Referimo-nos à forma como é ministrada a ginástica nos estabelecimentos dependentes da Assistência Pública, e aos cursos infantis de "Os Sports", funcionando com a colaboração da Escola Superior de Educação Física da Sociedade de Geografia.

Nos asilos de Lisboa, quer alberguem rapazes ou raparigas, ensina-se ginástica de verdade, como anualmente se demonstra na festa dos pupilos da Assistência, iniciativa brilhantíssima devida aos esforços e à dedicação do sr. Luiz Machado Pinto.

Este ano, a parada constituiu incontestavelmente, um facto que assume pro-

Os cursos de Os Sports que funcionam no Largo de Santa Marinha, no Campo Pequeno e em Campo de Ourique, que se incorporaram na parada desportiva



A quinzena desportiva

O PROBLEMA NACIONAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA E A PARADA INFANTIL DA ASSISTENCIA PUBLICA

porções de acontecimento nacional, revelando o são critério que orienta a educação física nos estabelecimentos de ensino da Assistência e a maneira sempre progressiva, sempre actualizada, cada vez mais profícua, como essa educação é feita, obedecendo aos princípios das modernas pedagogias e técnicas dum dos mais complexos ramos da educação integral.

Cêrca de mil e setecentas crianças de ambos os sexos, pertencentes à Casa Pia, e aos Asilos de D. Maria Pia, Nun'Alvares, "28 de Maio", José Estêvão e Santa Clara, executaram com perfeição um esquema completo e difícil de ginástica educativa (método de Ling), animado, vivo, digno de ser apresentado à análise de certos sectaristas obsecados, que fantasiavam a ginástica em adormecimentos de energias, olvidando que as crianças se querem educadas na própria lei da natureza; são organismos onde a vida tumultua necessitando disciplina, onde as energias despontam carecendo cultura.

Agindo num campo diferente, a organização do nosso colega "Os Sports", está beneficiando mais dum milhão de crianças pobres, das mais necessitadas por serem aquelas que nenhuma assistência oficial recebem. A obra conseguida é avaliada, também, pelas várias apresentações públicas de alguns dos cursos, e a sua larga difusão ficou demonstrada na numerosa e correcta representação que se incorporou na parada das Festas da Cidade, onde mais de quinhentas crianças pertenciam a diversos cursos de "Os Sports".

Os efeitos da excelente propaganda efectuada por intermedio destas exhibições, que a campanha escrita e oral de vários pedagogos têm poderosamente auxiliado, espalham-se felizmente pelo país, e melhores resultados se não verificam porque as condições do meio o não permitem.

Para não referir senão acontecimentos recentes, poderemos citar os exemplos admiráveis da Associação Desportiva de Ovar, e do Lusitano de Evora, mantendo cursos de ginástica infantil que não é exagero considerar verdadeiras obras de benemerência, actos de utilidade pública.

Infelizmente, sômos forçados a reconhecer que semelhantes iniciativas estão

na dependência de dedicações especiais, da existência na localidade de alguém que alie a forte espirito de altruismo os conhecimentos suficientes para dirigir uma classe de ginástica.

A solução nacional do problema fica, por conseguinte, na dependência da distribuição abundante, por tódo o território do país, de professores e monitores de ginástica com o encargo oficial de ministrar á infancia das cidades, vilas e aldeias a cultura física que actualmente é apanágio quasi exclusivo dum parte dos habitantes das capitais.

Não há dúvida que vamos seguindo o bom caminho, sintomaticamente acompanhado pelo interesse da opinião pública pelo apoio da imprensa, que actualmente dispensa ao assunto frequentes referencias e estudos.

A este propósito podemos citar, como característico, o caso de um recente artigo firmado por João Ruivo, publicado há poucos dias no jornal de Extremoz, "Brados do Alentejo", onde se defendia exactamente o mesmo ponto de vista que é nosso.

"O Estado deveria criar, escreve o autor, junto das escolas primárias, lugares de professores de educação física, um, pelo menos, em cada séde de concelho menos populoso, e, nos outros concelhos os precisos para poderem ministrar o ensino em boas condições de horários e de aproveitamento. As lições distribuir-se iam pelos dias da semana, de forma a que os alunos de cada freguesia, ou grupo de freguesias, mesmo nas rurais, não deixasse de ter pelo menos duas lições semanais. As quintas e domingos seriam destinados a lições a jovens de ambos os sexos, que já não frequentassem a escola primária."

Este plano admirável, que só poderia trazer vantagens, deveria merecer ao Governo um estudo cuidado, porque talvez resolvesse indirectamente alguns problemas difíceis.

Para seu exito é indispensável, primeiro, preparar a quantidade de professores necessários, e isso é inviável na situação actual. Esperemos, para começar a realização prática do projecto, que se effective o mais importante voto emitido pela Comissão de Educação Física do recente Congresso da União Nacional e que há perto de um ano preconizamos,



Os alunos do Asilo Maria Pia, passando em frente da tribuna presidencial

por palavras quasi idénticas, nas colunas de "Os Sports": a Escola de E. F. do

Exército, recentemente inaugurada, deve prestar já um poderoso auxilio, pois os seus alunos diplomados, distribuindo-se pelas garnições militares da provincia e preparados dentro dum critério justo e patriótico, serão outros tantos agentes de propaganda e auxilio pratico. Adoptado tão bom caminho não devem os poderes públicos deixar a obra em meio: para as necessidades nacionais é indispensável fundar, paralelamente, uma outra escola civil, norteada pelos mesmos princípios técnicos e seguindo idéntico método pedagógico.

A insistência dos propagandistas da causa de educação física começa produzindo resultados importantes e é justo reconhecer que desponta nas instâncias governamentais um certo interesse pela resolução do assunto.

Este primeiro esboço de triunfo, longe de permitir a diminuição de actividade, exige ainda maior insistência na propaganda para que se não desvie das boas normas ou seja aproveitado para satisfação de lunáticos ou ambiciosos, que os há sempre prontos a tirar vantagem do trabalho alheio, embora lhe não saibam assegurar a continuidade.

Não faltam exemplos da orientação que mais convém; fortalecer o povo, a primeira das finalidades, não é coisa que se consiga com palavras ou intervenções restritas. A acção tem que ser nacional, e para isso precisamos espalhar pelo país, pessoas competentes para ministrar a educação física às crianças e aos adultos.

Essas pessoas não existem, por en-

Um aspecto geral da imponente parada de ginástica dos pupilos da Assistência Pública que há dias se realizou no Estádio do Lumiar

quanto, em número sequer suficiente: é indispensável prepará-las, criando escolas onde aprendam, única solução eficaz. Tudo o resto, não passa de canto celestial.

É tecla já muito batida, a de citar a propósito dos problemas da educação física portuguesa, aquilo que no mesmo campo tem sido feito em várias nações da Europa.

No entanto, e seja qual fôr o critério que se adopte, chegamos sempre a idénticas conclusões e, embora não sejamos partidários da cópia servil, reconhecemos que os resultados colhidos em determinadas experiências, são de molde a fazer ponderar sobre a eficácia dos meios empregados.

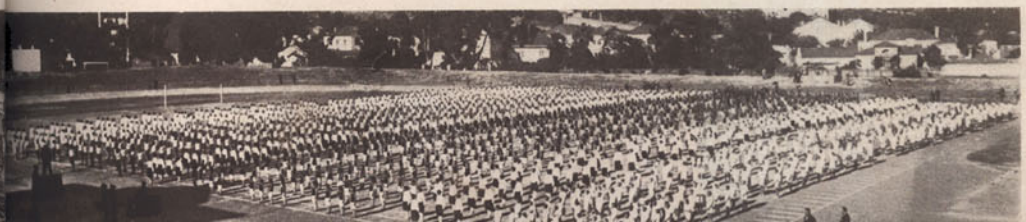
Qualquer reforma tendente a modificar, melhorando-o, o coeficiente médio de robustez do povo, deverá ser essencialmente nacional, entendendo-se assim que ela deve atingir os habitantes de todo o território nacional, e também estruturalmente ligada ao problema geral educativo.

Precisamos que todas as crianças portuguesas pratiquem o exercicio físico metodisado e pedagógico, começando desde os primeiros anos a adquirir o gosto pelo movimento e pela ginástica, graças ao qual serão no futuro os melhores elementos de propaganda e os mais seguros esteiros da campanha redentora.

Bem hajam, portanto, aqueles que por iniciativa própria enveredam nesse sentido, lançando a primeira sementeira ao terreno ingrato dum meio ignorante e descuído, mas que um dia, esclarecido o espirito, lhes saberá agradecer o esforço benemerito.

Esperemos pelo menos que, a bem da justiça, assim seja num futuro próximo.

Salazar Carreira.



VIDA ELEGANTE

Viajantes

ARTHUR BRANDÃO

Em viagem de propaganda editorial, partiu no dia 9, para o Rio de Janeiro, a bordo do «Cap-Arcon», acompanhado de sua esposa, a sr.^a D. Ilda Brandão, o nosso querido director sr. Arthur Brandão, administrador-gerente da Livraria Bertrand e da Sociedade Editora Portugal-Brasil. No cais estiveram apresentando cumprimentos de despedida, os senhores:

Dr. Cacião da Mata, ilustre ministro dos estrangeiros, dr. Júlio Dantas, dr. Samuel Maia e esposa, Aquilino Ribeiro, dr. Carlos Barbosa, José Maria Pedrosa, engenheiro Luiz Maia, dr. João Maia e esposa, dr. João Mendonça, dr. Eduardo Machado, Luiz Brandão e esposa, dr. Monteiro de Barros, dr. Manuel Igrejas, Salvador da Costa e esposa, Domingos Madeira, Alexandre Lopes, Raúl Nunes, José Lúlio da Fonseca, Jaime Ferreira, Moraes Leal, Correia da Costa, Alvaro de Andrade, etc.

JÚLIO DANTAS

Para Paris, com destino a Genebra, onde vai tomar parte na reunião do Instituto de Cooperação Intelectual da Sociedade das Nações, partiu, no dia 10, no «Indo-Express», o eminente homem de letras e nosso brilhante colaborador sr. dr. Júlio Dantas. Na gare compareceram, muitas individualidades, entre as quais se viam as seguintes: dr. Eduardo Machado, que representava o sr. ministro dos negócios estrangeiros; dr. Pereira Dias, representante do sr. ministro da Justiça e interino da Instrução; engenheiro Guedes de Campos, representando o sr. ministro das Obras Públicas; dr. Jorge de Faria, que representava o sr. António Ferro; drs. Alfredo da Cunha, José de Figueiredo, Samuel Maia, Gonçalves Pereira, Cunha Gonçalves, Pe-

dro Pita, Cordeiro Ramos, Jorge Monjardino, Ataíde Melo, Simões Baíão, Manuel Oliveira, Alberto Xavier, José da Cunha, Pereira Forjaz, Francisco Gentil, Lópo de Campos, Dias Costa, Leonel Macedo, Balbino Rego e Lopes Cardoso; conde de Mesquita, Gualdino Gomes, Luis G. Gallardo, Joaquim Leitão, Jaime Silva, José Loureiro, Maximiano Alves, Francisco António Correia, Lino Ferreira, António Pinheiro, Manuel Miranda, coronel Costa Veiga, comandante Quirino da Fonseca, Eduardo Schwalbach e os professores do Conservatório Nacional srs. Viana da Mota, Jílio Cardona, Augusto Pina, Campos Coelho, Abílio Mirelles, José Henriques dos Santos, José Mendes Júnior, Jaime Silva (filho), Venâncio Pinto e Carlos Santos.

Eanquetes

NO AVIZ HOTEL

No salão de mesa do Aviz Hotel, o ponto de reunião quotidiano efectuado pela nossa aristocracia, realison-se na noite de 1 do corrente, uma interessante festa que constou de jantar, seguido de dansa, tendo havido durante o baile, distribuição dos prémios aos vencedores das provas de automóveis e motos realizadas nessa tarde no Parque Eduardo VII, com a cooperação do Automóvel Club de Portugal, a qual foi presidida pelo sr. tenente coronel João Luiz de Moura, Governador Civil de Lisboa, tendo a seu lado as sr.^{as} D. Gert Cast Seixas, D. Ana da Câmara Ribeiro Ferreira e D. Bérénice Rugeroni, sendo a chamada dos vencedores feita pelo delegado do Automóvel Club de Portugal, sr. Lúbio Biscaya.

A selecta assistência, que enchia por completo o vasto salão de mesa, tribuiu a todos os vencedores fartos aplausos, aplausos que também compartilharam os organizadores.

No jardim, que se encontrava fericamente iluminado, efectuou-se uma interessante exposição de carros, tendo também figurado



Os noivos — sr. D. Maria Tereza Corroto Pato e sr. João Lopes Palet — à saída da igreja de S. Seb. stão da Pedreira, acompanhados dos convidados, no dia do seu casamento

nela todos os automóveis que estavam inscritos nas provas.

Na assistência notavam-se entre outras as seguintes pessoas:

Dr. Vieira Simões e esposa, condesa de Taboira, conde Lavradio, D. Amélia de Vasconcelos Porto de Vilhena, Sebastião Teles e D. Maria Luiza de Oliveira Monteiro, D. Natália Muñoz y Puig, Ernesto Seixas e D. Gert Cast Seixas, D. Maria de Oliveira Seixas Sousa Melo, D. Alice Sousa Melo e filha, Alexandre Barreira e D. Laura Romênt Barreira, Pedro Morgado e irmã, D. Júlia Camacho Santos, D. Maria Eugénia de Orce Cortáez de Sampaio de Castro Pereira, D. Maria Vecchi Pinto Coelho de Vilhena, D. Maria Cabral Espírito Santo Silva, D. Luísa Soares de Albuquerque Diniz, Diniz de Almeida, dr. José de Vilhena de Almeida e Vasconcelos e D. Maria da Piedade Penava de Almeida e Vasconcelos, Urbano Rodrigues, D. Maria do Carmo Figueiredo Cabral da Câmara, D. Assunção Villar, Rui de Lemos e esposa, dr. Augusto Ribeiro Yaz, conde de Castelo Mendo (António), conde de Fontalba, Pedro Bordoal Pinheiro, dr. Cunha da Silveira, dr. Fernando Morgado Florindo, dr. Franco Almeida (filho), dr. Gil de Castro Mendo Gual, Vasco Saneiro, António de Herédia, Gaspar Saneiro, Luiz Canedo, Francisco Anjos Ribeiro Ferreira, Coelho Paçeco, José de Lencastre Bértio (Arrachado), Roberto Saneiro, António Félix da Costa, Tomaz de Atouguia Pinto Lasso, Virgílio Barroso, Sales, Montom, Ovídio, Diogo Barada Alpinos, José Gilhóquio da Silva, Joaquim de Mascarenhas Pinza, Bento Amorim, conde de Cabral, José Cordovil, Rui da Câmara Pina, José Penava, Penava (Alva), dr. Mário Gonçalo Madeira, Maria Bértio, Vitorino e Francisco de Avelar, tenente Honorato Gomes Pereira, Jorge Seixas, D. Maria da Glória Vaz Monteiro da Silva Avelar, dr. Francisco Fernandes Costa, dr. Teodoro Vaz de Araújo Santiana, D. Maria Mateus dos Santos Tavares, Manuel Correia, Miguel de Lima Soares, Carlos e Francisco Van-Zeller Pabba, D. Maria Luiza Mateus dos Santos, Afonso Nunes dos Santos Júnior, António de Araújo Proença Rodrigues, Joaquim Taboira, D. Graziela de Castro Vaz de Araújo, Fernando Penava de Mascarenhas (Torre), Manuel Nunes dos Santos, Joaquim Nunes dos Santos, Joaquim da Cunha Sotelo Major, Hans Tanner, Adolfo Weis, Ernesto Mariani, Henri Pereira esposa e filha, West Klotz, Nihal Camarasesen, Vitorino Ribeiro e esposa, Carlos da Mota Marques, Carlos de Vasconcelos e Sd. etc.

ALMOÇOS

O admirar sr. Augusto Osório, ofereceu no Aviz Hotel, dois almoços íntimos, sendo um ao ilustre Embaixador do Brasil, em Portugal, sr. dr. Adalberto Guerra Duval, e outro ao Ministro de França, em Portugal, sr. Gaston Jessé-Curély e esposa.

Casamentos

Em Sintra, realison-se na paróquia de Santa Maria, o casamento da sr.^a D. Vera Cast Seixas, filha da sr.^a D. Gert Cast Seixas e do sr. Ernesto Seixas, com o sr. António de Lima Mayer, filho da sr.^a D. Octavia Fuschini de Lima Mayer e do sr. Frederico de Lima Mayer.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Emmy Kukla tia da noiva e D. Alda Decken dos Santos Lima e padrinhos os srs. António de Lima Mayer e Frederico de Carvalho, respectivamente tio e cunhado do noivo.

Celebrou o acto religioso, o reverendo prior da freguesia, monsenhor Carlos Augusto Teixeira de Azevedo, que antes da missa

fêz uma brilhante alocução. Terminada a cerimónia religiosa, foi servido no salão de mesa da vivenda da Quinta dos Platanos, na Estefânia, propriedade dos pais da noiva, um lanche, seguindo os noivos depois para uma viagem pelo país, onde foram passar a lua de mel, encontrando-se actualmente em Sintra.

Na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, realison-se o casamento da sr.^a D. Maria Tereza Correia Pato e Silva, filha da sr.^a D. Beatriz Nunes Correia e Silva e do sr. Armando Magalhães Pato e Silva, com o sr. João Lopes Palet, filho da sr.^a D. Felizmina Lopes Palet e do sr. Filipe Papet, servindo de padrinhos os pais dos noivos.

Findo o acto religioso, foi servido na residência dos pais da noiva, um lanche, da pastelaria «Versailles», partindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Foi pedida em casamento pela sr.^a D. Laura Proença Fortes Fernandes de Barros, para seu filho, o sr. dr. Manuel Proença Fortes de Mendonça Corte-Real, a sr.^a D. Maria Angélica Melo de Castro (Pernes), filha dos srs. Viscondes de Pernes. A cerimónia deverá realison-se amanhã este ano.

Realison-se na paróquia de S. Jorge em Arroios, o casamento da sr.^a D. Laura Nogueira Feijó, com o sr. Luiz Victor da Cruz Guerreiro, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Luísa Fernandes Simão Vieira, e D. Augusta Margarida da Cruz Guerreiro, mãe do noivo e de padrinhos os srs. Comandante Jacinto da Costa Simão Vieira e Manuel Bandeira de Melo Geraldes.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido, na residência dos irmãos da noiva, um lanche, partindo os noivos depois para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

Em Beia, realison-se na Capela de Nossa Senhora dos Prazeres, o casamento da sr.^a D. Maria Judite Carneiro da Fonseca, filha da sr.^a D. Ana Raquel Carneiro da Fonseca e do sr. João Mendes Langa da Fonseca, com o licenciado em direito e nosso colega, na imprensa sr. dr. Carlos Alberto de Sousa Lobo de Oliveira, tendo servido de madrinhas a mãe do noivo e a irmã do noivo sr.^a D. Caetilde Lobo de Oliveira e de padrinhos a pai da noiva e o coronel sr. Duarte Veiga.

Celebrou o acto religioso, o reverendo cônego José Maria Mota, que antes da missa fez uma brilhante alocução, sendo assistido pelo reverendo cônego João Eduardo Marques, sob cuja jurisdição está a referida ca-



A' saída da igreja da Amoeiroira, os noivos — sr.^a D. Maria Estefânia Pereira Martinho e sr. dr. Francisco José Carraqueiro Cambourne — após o seu casamento



Aspecto do casamento da sr.^a D. Cota Egagy com o sr. Jacob Toledano

pela. Findo o acto foi servido na residência dos pais da noiva, um lanche, recebendo os noivos grande número de artísticas e valiosas prendas.

Realison-se o casamento da sr.^a D. Cota Egagy, com o sr. Jacob Toledano, pertencente a uma das mais distintas famílias judaicas da península, tendo servido de padrinhos por parte da noiva, o sr. Marcos Ezaguy e esposa, e por parte do noivo, o sr. Salomé Levy e esposa, no acto religioso, o sr. Abraham Ezaguy e esposa e por parte do noivo os srs. Isaac Baros e Jacob Levy.

Finda a cerimónia foi servido na residência do sr. Marcos Ezaguy, um lanche, recebendo os noivos grande número de valiosas prendas.

Na paróquia da Amoeiroira, realison-se o casamento da sr.^a D. Maria Estefânia Pereira Martinho, filha da sr.^a D. Helena Pereira Barroca Martinho e do coronel sr. José Maria Martinho, com o sr. dr. Francisco José Carraqueiro Cambourne, filho da sr.^a D. Maria Carlota Cambourne e do sr. Pedro Roque Cambourne.

Foram madrinhas as mães dos noivos e padrinhos o pai da noiva e o sr. dr. Desires Cambourne.

Celebrou o acto religioso, o reverendo Gaveia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Terminada a cerimónia religiosa, foi servido um lanche, partindo os noivos depois para uma viagem pelo país, onde foram passar a lua de mel.

Realison-se na paróquia do Coração de Jesus, o casamento da sr.^a D. Maria Fernanda Pereira da Costa, filha da sr.^a D. Maria José Pereira da Costa e do sr. Miguel Engénio Cunha da Costa, já falecidos, com o sr. Horácio Nobre Brilhanta Simões, filho da sr.^a D. Maria do Rosário Brilhanta Simões e do Major Joaquim Simões.

Serviram de madrinhas a sr.^a D. Maria dos Prazeres Tatá de Sousa Guerra e a mãe do noivo e de padrinhos o sr. José Nunes de Sousa Guerra e o pai do noivo. Celebrou a cerimónia religiosa, o prior de S. Sebastião da Pedreira, reverendo António de Oliveira Reis, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Acabado o acto foi servido na residência dos padrinhos da noiva, um lanche, recebendo os noivos grande número de valiosas prendas.

Para seu filho Ernani, foi pedida em casamento pelo sr.^a D. Alda Pedrosa Rodrigues, esposa do sr. Guilherme Duarte Rodrigues, a sr.^a D. Maria Isabel Pedrosa Machado, filha da sr.^a D. Beatriz Pedrosa Machado e do sr. Raúl Machado. A cerimónia deverá realison-se brevemente.

Na paróquia dos Santos Reis, ao Campo Grande, realison-se o casamento da sr.^a D. Akla Antunes Resende, filha da sr.^a D. Palmira Antunes Monteiro Resende e do sr. José Maria Resende, com o sr. Jaime de Moraes Pereira, filho da sr.^a D. Emília de Moraes Pereira e do sr. dr. Jaime Agostinho de Moraes Pereira.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Maria da Conceição Resende Caleia e D. Ivone Alves de Moura e padrinhos os srs. Alberto Carlos Caleia, e dr. Ednardo Marinho Alves de Moura.

Terminado o acto religioso, foi servido, na elegante residência dos padrinhos da noiva, um lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos depois para o Palácio do Busaco, onde foram passar a lua de mel.

Em Colares, realison-se na igreja paróquia, o casamento da sr.^a D. Ethel de Carvalho Branco, filha da sr.^a D. Luísa Leoni de Carvalho Branco e do sr. Ernesto de Carvalho Branco, presidente da Câmara Municipal e administrador do concelho de Mendim de Basto, com o sr. Mário Henrique Vitor de Macedo, filho da sr.^a D. Elvira Erelia Vitor de Macedo e do sr. Júlio de Macedo, dignissimo gerente da Casa Borges & Irmão, em Lisboa.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Virgínia Silva, avó da noiva e D. Maria de Lourdes de Lacerda Pinto Barreiro de Macedo, cunhada do noivo, e de padrinhos os srs. Vitor Simões José Carlos Trilho e Alberto António May Totta.

Terminado o acto religioso, foi servido na residência dos pais do noivo nas Azenhas do Mar, um lanche, seguindo os noivos para a sua casa, em Santo Amaro de Oeiras.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso a sr.^a condesa de Castelo Mendo (D. Rita). Mãe e filho estão felizmente bem.

A sr.^a D. Helena de Lima Mauer Correia Henriques, esposa do sr. Francisco Maurício Correia Henriques (Seisal), teve o seu bom sucesso. Mãe e filho estão de perfeita saúde.

Em Coimbra, teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Maria do Rosário da Costa Sousa de Macedo Moreira, esposa do ilustre professor da Universidade de Coimbra, sr. dr. José Carlos Moreira. Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

A sr.^a D. Maria Eufénia Pinto de Maranhães das Neves Martinho, esposa do sr. dr. António das Neves Martinho, teve o seu bom sucesso. Mãe e filho encontram-se de perfeita saúde.

D. Nuno.



Casamento da sr.^a Júlia Arostolides Georgídes com o sr. D. José Maria Laro e Posada, vice-convul de Espanha em Lisboa, realisono, conforme noticiamos, o mês passado na igreja de S. Mamede

DICIONARIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga Linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; e Dicionário do Charadista, de A. M. Sousa.

IMPRESA

Gazeta — de Ponta Delgada. — Com regularidade, temos continuado a receber a visita deste interessante semanário micaelense, em que o esforçado e inteligente confrade *Jobema* (...) dirige, com muito brilho e competência, *Edipismo*, que se apresenta óptimamente colaborada e de agradável aspecto.

Os nossos agradecimentos.

CORREIO

Ejónsa — Vila Silva Pôrto. — Recebemos, com muito prazer e satisfação, a carta da ilustre confrade e dela retirámos a esplêndida colaboração que teve a gentileza de nos enviar. A cada passo, *Desporto Mental*, que foi criado para bem do charadismo, é engrandecido com a adesão de valores marcantes como o ilustre confrade, que ora acaba de enfileirar nas suas colunas. Muito gratos pela gentileza das suas palavras e, sobretudo, pela remessa de colaboração, cujo seguimento aguardamos com o maior interesse.

Ti-Beado — Luanda. — Agradecemos também imenso a prestante colaboração do prezado confrade. Agora já pode mandar listas de decifrações, visto que o prazo presentemente concedido já dá, segundo cremos, para isso. Aguardamos as suas gratas notícias sobre o assunto.

APURAMENTOS

N.º 7

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

SILENO

N.º 11

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

FONTELÍSIO

N.º 12

OUTRAS DISTINÇÕES

Jobema (...), n.º 7

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 12 pontos:

Aço, Africanista, Antomar, Augusta Vitória, Edilva, Ferjobatos, Jofete, Jobrito, Bisnau, Lérias, Linda Morenô, Márius, Olho de Lince, Pecadora, Pérola Branca, Rupama, Sâcrista, Sinhá Durol, Só Darco, Veiga, Zé Banana, Zica, Zuraya, Zé Nabo (todos da T. E. L.); Deniz Lima (T. E.)

QUADRO DE MÉRITO

Apolo V, Faro Leiro, Verdegaio, to. — Frá-Diávalo, Cantante & C.^a, 9.

DECIFRAÇÕES

1 — Tagaté. 2 — Mediocremente. 3 — Pogodá-poda. 4 — Viúvo-vivo. 5 — Colcotar-cotar. 6 — Partida-parda. 7 — Ternura-terra. 8 — Cabeira-cará.

SECÇÃO CHARADÍSTICA
Desporto mental
NÚMERO 14

9 — Coteto-cotó. 10 — Jagonça-jaça. 11 — AVELLAR. 12 — VOSSAS OBRAS DIRÃO QUEM VÓS SOIS.

MEFISTOFÉLICAS

- 1) O cabelo comprido,
Na cabeça de freira,
Não fica tão garrido
Como na de parteira. (2-2) 3.
Luanda *Ti-Beado*
2) O movimento da vaga em direcção à praia é desfavorável a qualquer exportação, pois dificulta a marcha dos barcos. (2-2) 3.
Paços de Brandão *Viola (T. C. B.)*
3) Os pretos dançam esta espécie de batuque segurando com a mão direita um junco. (2-2) 3.
Espinho *Zé Agá (T. C. B.)*

NOVÍSSIMAS

(Ao pintor Canelas)

- 4) Você imagina o sofrimento moral da gente trabalhadora no seu traço firme de bom desenhador. 3-1.
Lisboa *Africanista (T. E. L.)*
5) É interessante o ascendente que o palerma exerce sobre o tolo. 1-2.
V. S. Pôrto — Bié *Efonsa*

17) ENIGMA FIGURADO



Lisboa

(A «Reinadio» ...)

6) O homem delicado tem sempre «um» porte distinto 3-1.

Ponta Delgada *Jobema (...)*

7) Para fazer uma mēda não há como uma mulher rústica. 2-1.

Paços de Brandão *Nélito (T. C. B.)*

SINCOPADAS

8) Tocar «lira» não dá «perca». 3-2.

Lisboa *Deniz Lima (T. E.)*

(A gentil «Moreninha»)

9) É caso já declarado
Um facto, não há que ver :
«Guardado está o bocado
P'ra quem o há-de comer...»

Guardai-m'o, gentil confrada,
Que eu cá por mim inda espero...
Que a sorte, um dia apiedada,
Me dê a trincar o pêro... 3-2.

V. S. Pôrto — Bié *Efonsa*

10) Se não me engano, aquele namorado não meteu por bom «caminho». 3-2.

Lisboa *Reinadio (S. C. L. e T. E.)*

11) Numa pequena feira,
Lá na velha Idanha,
Já eu szõinho pratiquei
Uma grande façanha! 3-2.

Luanda *Ti-Beado*

(Ao confrade «Lérias»)

12) Pela razão irrito o amor; pelo amor irrito a razão. 3-2.

Lisboa *Valério (S. C. L.)*

13) O meu lanche foi o seguinte: galinha corada com batatas fritas. 3-2.

Lisboa *Veiga (T. E. L.)*

METÁGRAMAS

14) Cada cantiga
Pago um tostão,
Dou um montão
À rapariga...

Sem zombaria
E sem receio
Vou para o «meio»
Da romaria. (4-5).

Lisboa *Dama Negra*

15) Quem dá uma bofetada sem pretexto, bate bem e não «falha», põe-se logo em «resguardo». (4-5).

Lisboa *Frei Salazar*

EM VERSO

16) Se não acedo ao convite — 1
Que me faz para a beijar...
Ela fica melindrada,
É certo chamar-me alvar!

E se, ao contrário, eu anuo
Ao convite, à gentileza...
Vai, então, logo murmura:
Mas que ináudita afoiteza!

Francamente, não descubro — 1
A melhor forma de agir,
A fim da «mulher» amada
Nem sempre me despedir...

V. S. Pôrto — Bié *Efonsa*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BATISTA, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

Dr. Sinal



A VIDA NA COSTA DO SOL



AO ALTO DA PÁGINA: — Quando da sua estada em Portugal os filhos do Presidente da Republica espanhola, sr. Alcalá Zamora, estiveram no Casino - Estoril acompanhados da esposa e dos filhos do encarregado de negócios do país vizinho e do adido militar e de sua esposa.

AO CENTRO: — Aspecto da sessão solene realizada em Cascais em homenagem ao sr. general Carmona e dr. Oliveira Salazar, no momento de usar a palavra, em nome da comissão organizadora o sr. Eduardo Maria Rodrigues.

AO CENTRO E EM BAIXO: — Nas festas nocturnas realizadas na vespera e na noite de S. Pedro foi concedido o primeiro prémio, ao grupo musical Desportivo Familiar e segundo ao grupo Desportivo Faustino.





talvez ao manicóio uma grande parte das populações citadinas, cujos nervos não tenham a resistência necessária, para reagir contra a mania musical que já é também uma manifestação do desequilíbrio nervoso da humanidade de hoje. Acorda-se com as primeiras notas do estudo dum vizinho, almoça-se ouvindo a telefonia dum vizinho e há horas em que se ouvem os estudos da vizinha as peças que outro toca, e, ao mesmo tempo a telefonia que se não cala. Os pianos à meia noite calam-se estafados eles e os que os tocam estafados eles e os que os obedecem ao decreto do governador civil de Lisboa, que tão acertadamente assim o ordenou, mas as telefonias não sei se estão exceptuadas o caso é que dando-lhes toda a força elas atroam um prédio inteiro; em Lisboa, as construções têm condições acusticas de teatro de ópera, e, os ouvidos martirizados de música todo o dia pedem misericórdia, e algódo em rama para que ao menos possamos adormecer e eles descansarem um pouco. Na rua cansados e com pressa de chegar a casa chama-se um taxi e ao parar temos a desagradável surpresa de ouvir um tango que a rádio do "chauffeur", amante de música, nos obriga a ouvir. Um automóvel pára e os garganteados dum soprano ator-damos-nos do lado, e, acabamos por não ter um minuto de descanso, não se pode ler, não se pode escrever, não se pode pensar e o que é pior não se pode dormir. E a música que era antigamente um deleite, um prazer espiritual passou a ser com a sua difusão, um flagelo, um verdadeiro tormento, dos nervos e do socódo do cidadão. E sonhamos então com a aldeia, a solidária aldeia onde se não ouve T.S.F. onde não há gramfonos e onde as meninas não aprendem piano, e a única música que se ouve são as vozes frescas das raparigas, que ao voltar de todo um dia de extenuante trabalho cantam alegremente, dando a deliciosa impressão da mais sã alegria. Que mais tormentos nos reservará o progresso? Eu que sempre o apreciei e admirei confesso que agora depois da difusão da T. S. F. quando me vejo obrigada a ouvir música na rua, nos automóveis, em casa e na cama, tomo-lhe medo, porque constato, que se ele nos traz muita coisa boa também se pode tornar num tirano e compreendo bem o Jacinto da "Cidade e das serras", em quem Eça magistralmente personificou o homem saturado de progresso.

Maria de Eça.

A moda

CADA VEZ se acentua mais na moda a tendência para a linha natural do corpo, para os vestidos justos, para a forma «princesse» que marca e torna evidente a perfeição dum corpo estatutuário.

PÁGINAS A MULHER

Usam-se muito os vestidos leves em cores vivas em desenhos brancos e pretos com um casaco curto em preto quando o vestido é preto e branco. Na cor predominante nos tecidos de várias cores, os chapéus são também «assortis» em cor, à «toilette». Usam-se muito os sapatos brancos em fantasia, as sandálias, os entrançados. No verão nada pôde haver de mais cómodo e mais prático. A moda tende a facilitar-nos a vida tendo mais do que nunca uma grande linha de elegância e «chic». Uma «toilette» que atrai sempre as raparigas e as faz sonhar é o vestido de noiva, que as nossas leitoras nos reclamam de vez em quando, e, que é sempre uma das mais belas «toilettes» da vida dum mulher. As inglesas que vestem com grande elegância essa «toilette» conservam-na como recordação toda a vida. Damos hoje um elegantíssimo vestido de noiva, cortado em forma «princesse», dá a um jovem corpo a mais esbelta «silhouette». O tecido em que é feito: «peau d'ange satin» tem na molesca das suas pregas a mais alta elegância. A cauda muito longa contribue para tornar esbeltíssima a noiva. O veu em tule simples é igualmente longo formando uma nuvem de tule finíssimo em sua volta. A gola quase fechada assim como as mangas são guarnecidas com telas de setim. Um ramo de açucenas brancas completa o elegantíssimo conjunto desta «toilette» de Marcel Rochas. Para a noite um lindíssimo vestido de guionnet em setim cor de rosa. O corpo não é «drapé» mas sim decotado em redondo. As mangas são armadas em largas pregas. O efeito do vestido em setim cor de rosa sobre o «fauteuil» em setim branco oferece um conjunto da mais requintada elegância. Mas não é só a elegância do vestuário que preocupa a mulher moderna, o penteado hoje tem de ser muito cuidado, porque as cabeças rapadas apesar da luta para as conservar, tendem a desaparecer. O penteado que hoje damos é da maior elegância. Todo em «baoucles plates» forma a mais elegante das cabeças. Como chapéu um lindo modelo de Rose Descat. A aba mais larga atrás é levantada descobrindo a nuca guarnecida de caracóis. Em «bangkok beige» é apenas guar-

sição houve parisienses para] quem Vincennes foi uma novidade e mais duma elegante que exclamou «O bosque de Vincennes é verdadeiramente gracioso e, pensar que está à nossa porta». Em todas as cidades em que se cuida do bem estar e da higiene da população, aproveitam-se os bosques para recreio do povo. E quando os não há plantam-nos e tornam-nos belos com arvoredo e águas correntes. Em Lisboa há o horror à árvore e num clima de tanto sol temos que andar à forreira se quisermos tomar um pouco de ar porque não há um bosque onde se vá.

As cidades e o arvoredo

A exposição colonial parisiense poz em evidência, há três anos, o bosque de Vincennes, que tinha sempre estado em segundo plano, sendo o primeiro, ocupado pelo bosque de Bolonha. Quando o segundo Império creou, com espírito de equidade, os embelezamentos do bosque de Vincennes, não fazia nada de novo, porque o projecto de alindar este bosque, e, de o animar com águas correntes, tinha sido já tratado no reinado de Luiz XIV. O rei Sol absorvido pelos trabalhos, que fazia executar em Versailles, descurou o embelezamento de Vincennes, mas realizou-o o cardeal Mazzarino, que ali fazia a sua residência favorita, e, que ali morreu.

Segundo o seu plano tinha cortado o Marne em Schelles para formar um canal, que devia conduzir a água à aldeia de Vincennes. O cardeal tinha mais extensas vistas. Queria comprar terras junto ao castelo de Vincennes desde Saint Mandé, até Paris e nesses terrenos cortar avenidas, plantar bosquesinhos que servissem de passeio recreativo aos parisienses. Esse belo projecto morreu com o cardeal. Os trabalhos da imensa avenida foram suspensos e também as novas plantações.

O grande transformador de Paris Haussman não tinha tanta ambição. Bastava-lhe que Vincennes rivalisasse com o bosque de Bolonha. E para o conseguir gastaram-se mais de dez milhões de francos, numa época em que o milhão não era ainda uma unidade monetária, sem prestígio como agora. O seu fausto não criou um bairro de luxo. A freguesia do bosque de Vincennes continuou plebeia. Ele podia repetir a velha canção de Béranger. «Sou do povo e a ele dedico o meu amor». Quando da expo-

sição houve parisienses para] quem Vincennes foi uma novidade e mais duma elegante que exclamou «O bosque de Vincennes é verdadeiramente gracioso e, pensar que está à nossa porta». Em todas as cidades em que se cuida do bem estar e da higiene da população, aproveitam-se os bosques para recreio do povo. E quando os não há plantam-nos e tornam-nos belos com arvoredo e águas correntes. Em Lisboa há o horror à árvore e num clima de tanto sol temos que andar à forreira se quisermos tomar um pouco de ar porque não há um bosque onde se vá.

O fim de Goethe

EM 22 de Março de 1832 pelas 10 horas da noite, duas horas antes da morte de Wolfgang Goethe, uma carruagem parou diante da casa dele, desceu uma senhora, que se apressou a entrar perguntando com voz trémula ao criado: «Está ainda vivo?» Era a condessa P. entusiasta admiradora do poeta, recebida sempre por ele com verdadeiro prazer, pela vivacidade da sua conversa. Ao subir as escadas a condessa parou bruscamente, e, voltando-se para o criado perguntou: «Mas como é isto?» «Música nesta casa, meu Deus mas como é possível que se faça música aqui neste dia!»

O criado que a seguia tinha parado também a ouvir e tinha-se tornado pálido e trémulo, e nada respondeu. A condessa no entanto tinha continuado a andar e entrando no escritório, foi ali recebida pela cunhada do poeta, e, as duas senhoras abraçando-se desfizeram-se em lágrimas. Depois a condessa perguntou: Otília, diz-me, ao subir a escada ouviste música, como é possível, ou enganai-me eu?» «Também tu a ouviste?» respondeu a cunhada de Goethe. É inexplicável desde a madrugada uma música misteriosa ouve-se de vez em quando; insinuase nos nossos ouvidos, nos nossos corações, nos nossos nervos...» Enquanto ela falava ouviu-se repentinamente do alto, como vindos dum mundo superior uns acordes musicais, suaves e doces, que pouco a pouco se foram apagando até desaparecerem completamente. A misteriosa música continuou a ouvir-se de vez em quando até ao momento em que Goethe exalou o último suspiro, umas vezes com longos intervalos, outras com breves pausas, umas vezes numa direcção outras noutra, mas sempre como se fosse tocada na própria casa ou naquela imediatamente vizinha. Esta música fez a maior impressão à família, amigos e criados, do poeta que não sabiam como explicar a sua proveniência.

Preços americanos

A América que tem a ambição de possuir todas as coisas maiores e mais caras tinha de ter



também o mais apreçoado e mais caro hotel do Mundo. Na famosa e aristocrática «Fifty Avenue» surgiu este arranha-céus destinado a alojar os milionários que visitam Nova-York. No «Sherry Netherland» é este o nome do hotel, os viajantes não são atraídos à entrada por um aspecto vistoso. Nenhuma escada de mármore, nada de bronzes, nem dourados. Um longo corredor conduz aos aposentos, assim tem-se a impressão de estar numa casa aristocrática e familiar, e, esta é a razão de tal simplicidade. Cada aposento consta dum quarto de cama, dum elegante salão, dum sala de banho e dum quarto de criado. O preço por uma noite é de 170 dólares. Desta maneira, mesmo um milionário para fazer ali uma estada tem de dar balanço à caixa. Este hotel ocupa apenas uma pequena parte do arranha-céus. Os andares superiores são luxuosas habitações arrendadas a preços exorbitantes. Só milionários as podem habitar.

Aos olhos do velho Mundo este edificio de trinta andares parece o palácio dos Milagres porque são ali aplicadas todas as últimas achadas da ciência moderna, e a Rádio que tem ali um serviço variadíssimo, tem um grande papel. Sem sair de casa os afortunados que ali moram podem ter todas as distrações e todas as facilidades.

Receita de cozinha

Podem bolacha Maria: Deitam-se numa vasilha 10 gemas, meio quartilho de leite, 1 cálice de vinho fino, 250 gr. de açúcar e 5 bolachas Maria raladas. Vai tudo ao forno em banho Maria, perto de duas horas, dentro ou fora do forno, em fogo lento. Barra-se a fôrma em que se deita com açúcar queimado.



Problema de bridge

Espadas — 4
 Copas — A. V. 7.
 Ouros — — — — —
 Paus — 8, 5, 3.

Trunfo — 9, 8. N Espadas — D. V. 10.
 Copas — — — — — O E Copas — 8.
 Ouros — 10, 9, 8, 7. S Ouros — 3.
 Paus — 4. S Paus D. V.

Espadas — R. 6, 5.
 Copas — 10.
 Ouros — R. D. 6.
 Paus — — — — —

Trunfo é copas. S joga e faz todas as vasas.

(Solução do número anterior)

S joga o seis de trunfo. N cobre e joga o az de oiros e S balda-se a espadas. N joga espadas e S balda-se à dama de paus. N joga trunfo e se E deitar o oito S faz o nove de trunfo e em seguida a dama; mas se E deitar o dez, S joga o sete de trunfo.

Então se E jogar espadas S corta com o dois e N recorta e joga paus.

Porque assinam «de cruz» aqueles que não sabem escrever?

Nos tempos antigos muito pouca gente sabia escrever e no final de todo o documento se usava pôr um selo. Sobre este selo, era costume traçar o sinal da cruz como símbolo da boa fé do documento. Mesmo quando se tornou vulgar a capacidade de escrever, continuaram acrescentando a cruz com a sua significação simbólica — hábito seguido até à época presente por muitos eclesiásticos.

Era natural que esta espécie de marca usada durante tantos séculos, se tornasse automaticamente o «sinal» de aqueles que, ainda mesmo agora, também não sabem escrever.

Os cinemas da Europa

Segundo as mais recentes estatísticas (1934), o número de salas de cinema que existe na Europa é o seguinte:

Alemanha, 5100; França, 4825; Inglaterra, 4672; Espanha, 2600; Itália, 2500; Tcheco-slováquia, 2024; U. R. S. S., 2000; Suécia, 1100; Áustria, 850; Polónia, 759; Bélgica, 650; Húngria, 633; România, 350; Dinamarca, 350; Jugoslávia, 338; Suíça, 310; Países-Baixos, 255; Portugal, 250; Noruega, 220; Finlândia, 220; Bulgária, 145; Letónia, 107; Grécia, 100; Estónia, 93; Turquia, 80; Lituânia, 80; Albânia, 10.

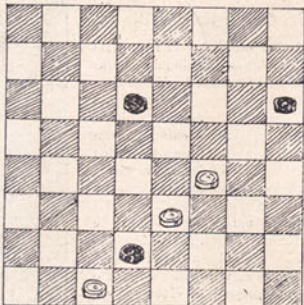
As cidades e os pombos

Antigamente a Praça de São Marcos, em Veneza, era apontada como extraordinária, não tanto pela sua inegável beleza, como pela curiosidade que ofereciam ao turista os seus bandos de pombos. Hoje não ha cidade de certa importância onde os pombos não dêem rendez-vous em qualquer jardim ou largo: em Paris vêem-se grandes bandos nos jardins das Tulherias; em Londres fazem a delícia dos visitantes do Hydepark; em Madrid, na Plaza de Armas e em Cibeles; em Barcelona nos Parques de Montjuich e de la Ciudadela; em Lisboa o monumento de D. Pedro IV é quasi um pombal.

FIM DE FESTA

Problema de damas

Pretas — 3 pedras



Branças — 3 pedras

Jogam as brancas e ganham

Problema de xadrez

(Solução)

Lance inicial: C — 4 D

Se P:	Mate por 2:
R x C x (desc.)	P — 4 R R (desc.)
C x C	D x D x
B — 8 D	C x C x
C — 5 T R	P x 4 R R x
Qualquer outro	C — 3 B R x

A ortografia chinesa

São quatro mil os diferentes sinais ortográficos que os estudantes chineses têm de aprender a conhecer para poderem ler inteligentemente qualquer livro escrito na sua língua materna.

O espírito inglês



O criado: — Oxalá ela diga que sim, antes dête pagar a conta... Estas coisas, parecendo que não, tem sempre grande influencia na questão da gozeta...

(Do «The Happy Magazine»)

Um concurso desportivo

Conta um jornal que uns lavradores ingleses, tendo uma grande quantidade de fruta para vender, e não encontrando forma de a colocar, pensaram organizar, por sua conta, um interessante concurso desportivo: Anunciaram que todos os «sportmen» e «sportwomen» que fizessem a pé o tracto desde Liverpool á sua aldeia, ali comprassem meio quilo de fruta e que, depois de darem três voltas em to: no duma pedra famosa, sita no adro da igreja, a comessem, receberiam trinta libras, ao baterem as ave-marias na torre da igreja matriz.

Desde manhã cedo afluiram ao povo centenas de concorrentes. Desapareceu toda a fruta do logarejo. Ao soarem as ave-márias, o júri deu o concurso por deserto: ninguém tinha comido a pedra celebre, e segundo o professor da aldeia que tinha redigido o anuncio o tempo do verbo comer referia-se á pedra e não á fruta. Parece que todos acharam graça á partida dos aldeões e ninguém se zangou...

Um monstro

Quando, em 1933, o principe Leopoldo da Bélgica, hoje Leopoldo III, visitou o Congo, um dos principais chefes indigenas de Ituri, no Congo Belga, ofereceu-lhe um animal híbrido, cruzamento de rinoceronte com zebra, capturado no vale de Semliki, região onde os animais selvagens abundam e que é vizinha do lago Alberto. O principe, na impossibilidade de levar consigo o referido monstro que era de corpulência notável, enviou-o para a Bélgica a bordo de um dos navios de carga que fazem escala em Mombaça.

O animal era duas vezes maior do que uma zebra vulgar, da qual tinha o aspecto. Possuía, todavia, empoeirada no pescoço, que não estava em proporção com o resto do corpo, uma cabeça de rinoceronte com aspecto horroroso. É de notar que este monstro provém da mesma região onde existe o «kokapi», animal gracioso e tímido, que é, a seu turno, resultante do cruzamento da girafa com a zebra.

Uma caverna musical

A única caverna que há no mundo, em que o vento produz sons musicais, consta ser a Caverna de Fingal, na ilha Staffa, uma das Hébridas.

Foi ali que Mendelssohn se inspirou para escrever a sinfonia «As Hébridas», durante a visita que fez áquella ilha.

Altos e baixos...

Na Europa, os homens maiores são os noruegueses e os mais pequenos, os lapões. Os dois extremos no mundo inteiro estão representados pelos caraibos, do Orenoco (em média, 1^m84) e pelos orotchjis, do rio Amor (em média 1^m38).

Pensamentos

Decididamente, tudo é longo na vida... excepto a vida. — Aurelly Scholl.

■
 O casamento é um enxerto: pega bem ou pega mal.

■
 A mulher é um ente de cabelo comprido e de entendimento curto.

Aqui tem



O aptofone...

Apenas por 100\$00

Dirija-se à COMPANHIA DOS TELEFONES

R. NOVA DA TRINDADE, 43 — LISBOA

R. DA PICARIA — PORTO

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS

A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensavel em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz tambem plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artisticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia

Obra de incontestavel utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR—MEDICINA PRÁTICA—SOCORROS DE URGÊNCIA—MOBILIÁRIO—LAVANDERIA—FARMÁCIA DOMÉSTICA—JARDINAGEM—PRODUTOS ALIMENTARES—COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS—PERFUMARIA—ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO—SEGREDOS DO TOUCADOR—CONSERVAS—ANIMAIS DOMÉSTICOS—MANUAL DO LICOREIRO—METAIS—LIGAS E CIMENTOS—COUROS E PELES—ANIMAIS DANINHOS—COPA E DOÇARIA—LAVORES FEMININOS—HIGIENE DA BELEZA—PASSATEMPOS—LAVAGEM DE NÓDOAS—TECIDOS E VESTUÁRIO—VIDRARIA—ADUBOS—HORTICULTURA—VETERINÁRIA—VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

À venda nas boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL—Rua da Condessa, 80—LISBOA

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações francesas, inglesas, alemãs
semanais, quinzenais e mensais

Belas Artes—Cinema—Finanças—Sports—Humorismo
—Música—Política—T. S. F.—Técnicas e Científicas, etc.

Os melhores figurinos e revistas de modas, mensais e de estação, tais como:

*Jardin des Modes—Vogue—Femina—Les Enfants—Lingerie—Les Ouvrages—Les Tricots
—Modes et Travaux—Mode Future—Weldon's Ladies Journal—
The Lady Fashion Book—Die Dame, etc.*

JORNAIS FRANCESES, INGLESES E BELGAS

Aceitam-se assinaturas e vendem-se avulso na

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75—LISBOA



Oficina de composição

IMPRENSA PORTUGAL BRASIL

Telefone: 2 0739

RUA DA ALEGRIA, 30
LISBOA

As mais modernas instalações do país e aquelas que maior capacidade de produção possuem



Secção especial de publicações ultra-rápidas



TRABALHOS COMERCIAIS

LIVROS, RELATÓRIOS, ETC.

INEXCEDIVEL PERFEIÇÃO

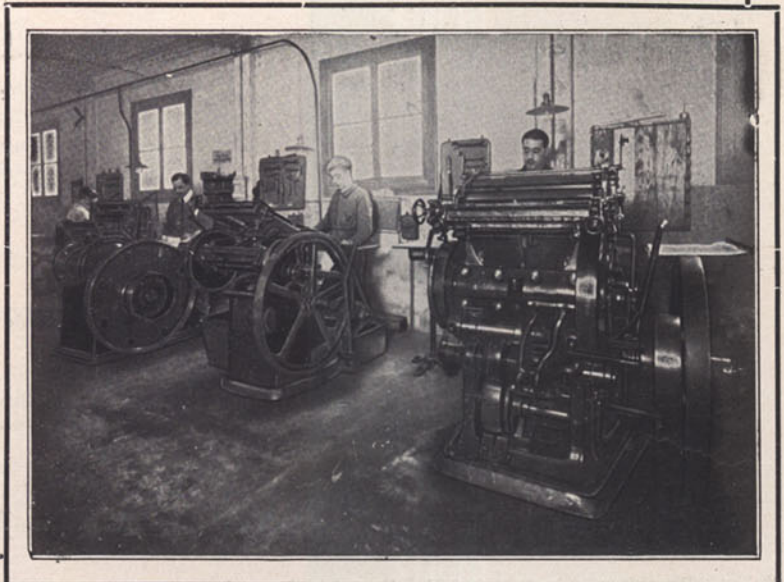
ORÇAMENTOS GRATIS



Oficina de composição mecânica

É nestas oficinas que se imprimem os belos trabalhos gráficos de

Ilustração,
Almanaque
Bertrand
e
História
da
Literatura



Oficina de impressão

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—DA TERRA A LUA, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—A RODA DA LUA, 1 vol.
- 3—A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.ª parte—*Os ingleses no Polo Norte.* 1 vol.
- 5—2.ª parte—*O deserto de gelo.* 1 vol.
- 6—CINCO SEMANAS EM BALÃO, 1 vol.
- 7—AVENTURAS DE TRES RUSSOS E TRES INGLESES, 1 vol.
- 8—VIAGEM AO CENTRO DA TERRA, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.ª parte—*América do Sul.* 1 vol.
- 10—2.ª parte—*Austrália Meridional.* 1 vol.
- 11—3.ª parte—*Oceano Pacífico.* 1 vol.
- VINTE MIL LEGUAS SUBMARI-
NAS:**
- 12—1.ª parte—*O homem das águas.* 1 vol.
- 13—2.ª parte—*O fundo do mar.* 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.ª parte—*Os naufragos do ar.* 1 vol.
- 15—2.ª parte—*O abandonado.* 1 vol.
- 16—3.ª parte—*O segredo da ilha.* 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.ª parte—*O correio do Czar.* 1 vol.
- 18—2.ª parte—*A invasão.* 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.ª parte—*O eclipse de 1860.* 1 vol.
- 20—2.ª parte—*A ilha errante.* 1 vol.
- 21—UMA CIDADE FLUTUANTE, 1 vol.
- 22—AS INDIAS NEGRAS, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.ª parte—*O cataclismo cósmico.* 1 vol.
- 24—2.ª parte—*Os habitantes do cometa.* 1 vol.
- 25—O DOUTOR OX, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.ª parte—*A viagem fatal.* 1 vol.
- 27—2.ª parte—*Na África.* 1 vol.
- 28—A GALERA CHANCELLOR, 1 vol.
- 29—OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN, 1 vol.
- 30—ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.ª parte—*A chama errante.* 1 vol.
- 32—2.ª parte—*A ressuscitada.* 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.ª parte—*O segredo terrível.* 1 vol.
- 34—2.ª parte—*A justificação.* 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.ª parte—*A descoberta da terra.* 1.º vol.
- 36—1.ª parte—*A descoberta da terra.* 2.º vol.
- 37—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII.* 1.º vol.
- 38—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII.* 2.º vol.
- 39—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX.* 1.º vol.
- 40—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX.* 2.º vol.
- 41—A ESCOLA DOS ROBINSONS, 1 vol.
- 42—O RAIO VERDE, 1 vol.
- KERABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.ª parte—*De Constantinopla a Scutari.*
- 44—2.ª parte—*O regresso.* 1 vol.
- 45—A ESTRELA DO SUL, 1 vol.
- 46—OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.ª parte—*O pombo correio.* 1 vol.
- 48—2.ª parte—*Cabo Matifoux.* 1 vol.
- 49—3.ª parte—*O passado e o presente.* 1 vol.
- 50—O NAUFRAGO DO «CYNTHIA», 1 vol.
- 51—O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672, 1 vol.
- 52—ROBUR, O CONQUISTADOR, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.ª parte—*O ódio de Texar.* 1 vol.
- 54—2.ª parte—*Justiça!* 1 vol.
- 55—O CAMINHO DA FRANÇA, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FÉRIAS:**
- 56—1.ª parte—*A escuna perdida.* 1 vol.
- 57—2.ª parte—*A colónia infantil.* 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.ª parte—*Os filhos do traidor.* 1 vol.
- 59—2.ª parte—*O padre Joan.* 1 vol.
- 60—FORA DOS EIXOS, 1 vol.
- CÉSAR CASCABEL:**
- 61—1.ª parte—*A despedida do novo continente.* 1 vol.
- 62—2.ª parte—*A chegada ao velho mundo.* 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:**
- 63—1.ª parte—*A procura dos naufragos.* 1 vol.
- 64—2.ª parte—*Deus dispõe.* 1 vol.
- 65—O CASTELO DOS CARPATHOS, 1 vol.
- 66—EM FRENTE DA BANDEIRA
- A ILHA DE HÉLICE:**
- 67—1.ª parte—*A cidade dos biliões.* 1 vol.
- 68—2.ª parte—*Distúrbios no Pacífico.* 1 vol.
- 69—CLOVIS DARDENTOR, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.ª parte—*Viagens aos mares austrais.* 1 vol.
- 71—2.ª parte—*Lutas de marinheiro.* 1 vol.
- 72—A CARTEIRA DO REPÓRTER, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.ª parte—*O filho do coronel.* 1 vol.
- 74—2.ª parte—*O coronel de Kermor.* 1 vol.
- 75—UM DRAMA NA LIVÓNIA, 1 vol.
- 76—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN, 1.º vol.
- 77—OS NAUFRAGOS DO JONATHAN, 2.º vol.
- 78—A INVASÃO DO MAR, 1 vol.
- 79—O FAROL DO CAÇO DO MUNDO, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

Saiu o tomo 36 completando o 3.º e último volume
da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção

de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunado de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS

DE

JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	13\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (4.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÔES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA

OU À **LIWRARIA BERTRAND**
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS
RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, como no interior de África, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, todas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFÍCIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária
Indispensável a toda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA